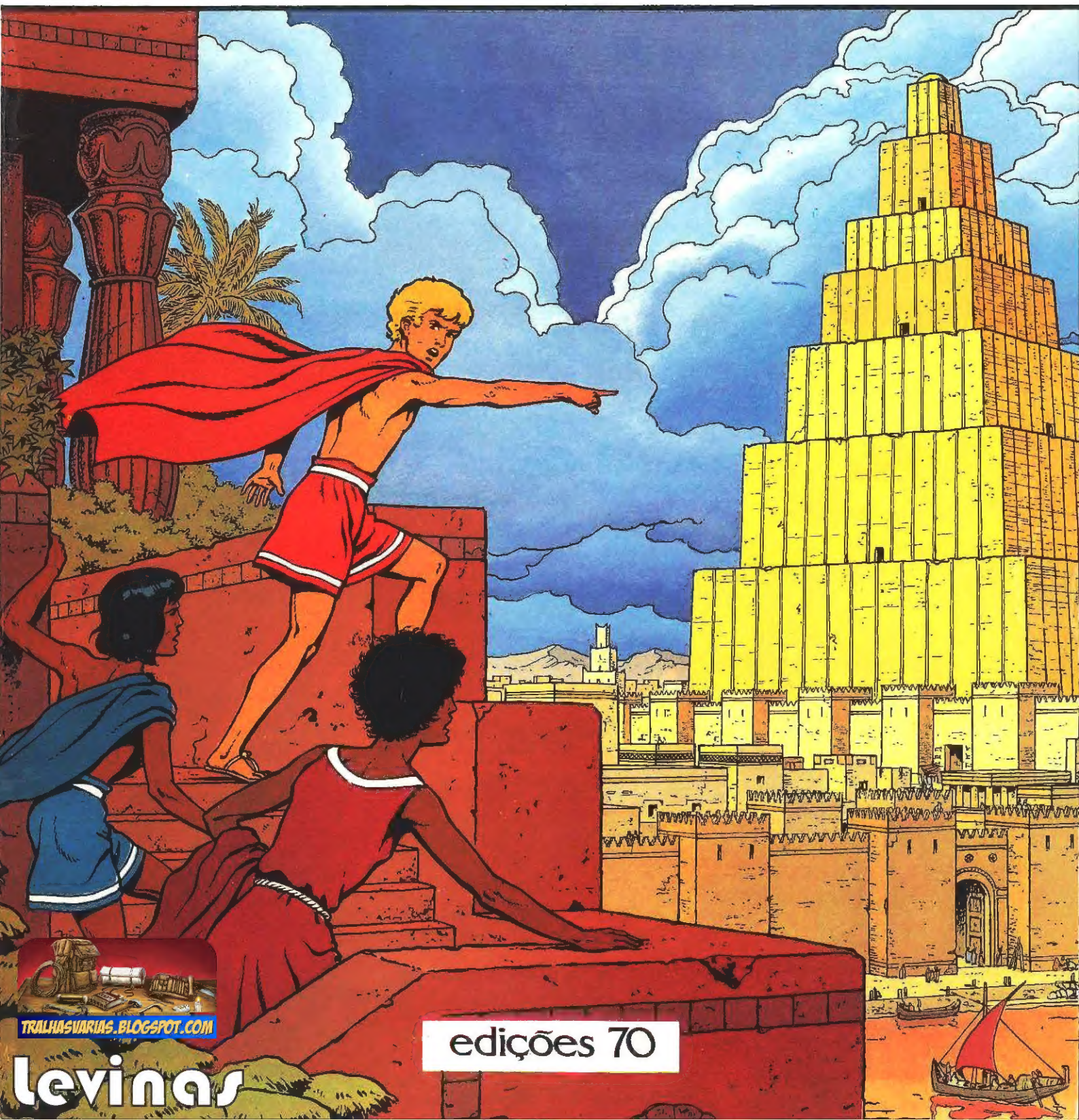


ALIX



JACQUES
MARTIN

A TORRE DE BABEL



TRALHASVARIAS.BLOGSPOT.COM

edições 70

levinas

ALIX



JACQUES
MARTIN

A TORRE DE BABEL



edições 70

Título original: *La Tour de Babel*
© Editions Casterman, Paris-Tournai, 1981

Tradução de Artur Lopes Cardoso
Desenho das legendas: Zulmira Perdigão

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa
por Edições 70, Lda., Lisboa — Portugal

EDIÇÕES 70 LDA., Av. Elias Garcia, 81 r/c — 1000 Lisboa
Telef. 76 27 20 / 76 27 92 / 76 28 54

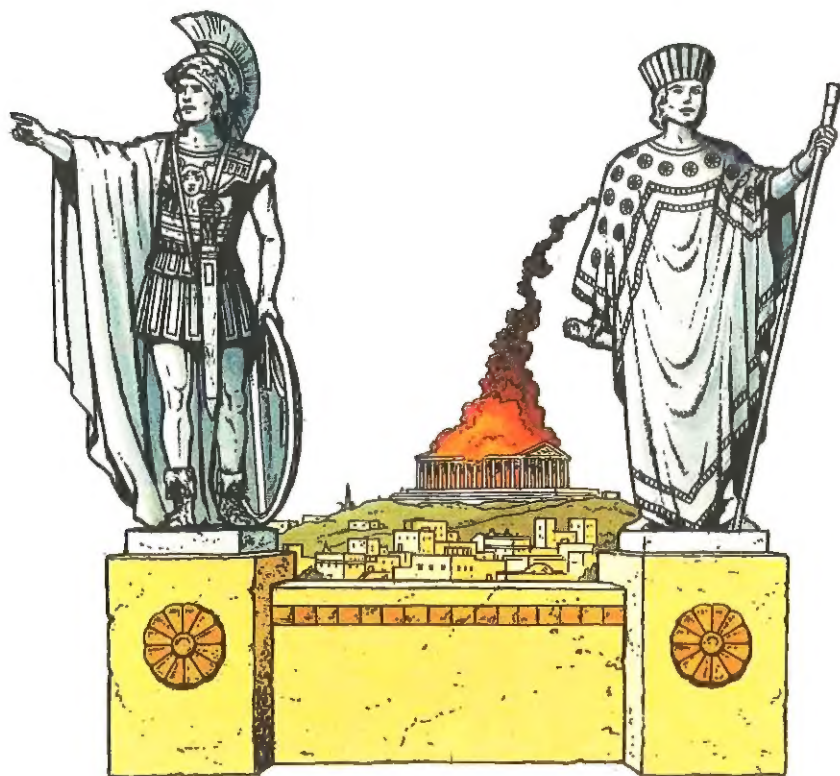
Telegramas: SETENTA

Telex: 64489 TEXTOS P

Esta obra está protegida pela Lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

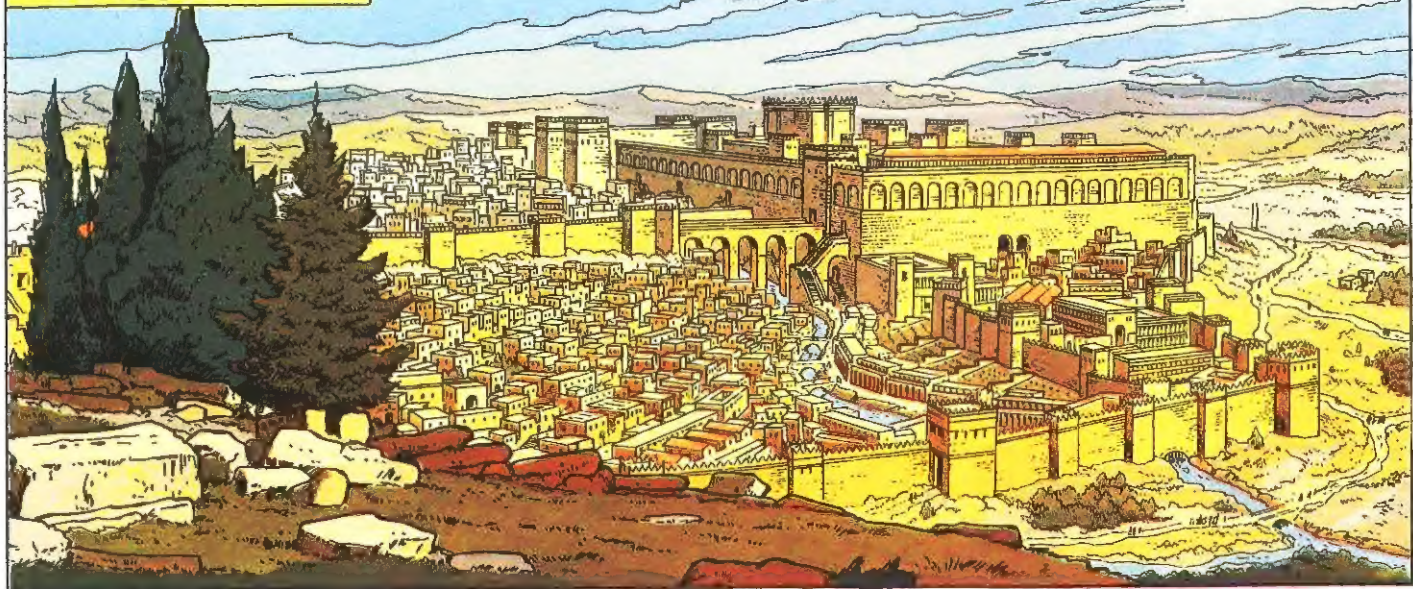
JACQUES
MARTIN

A TORRE DE BABEL



edições 70

JERUSALÉM...



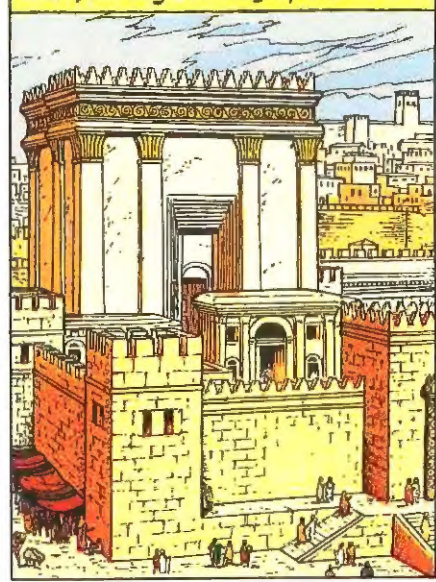
...brilhando ao sol, cintilante de calor e fervilhante de vida... Na cidade baixa, entre as sombras e a luz, a população afadiga-se entre gestos e palavras...



...enquanto, nos palácios sumptuosos que dominam o vale, os escravos abanam leques para refrigerio de algumas mulheres com vestidos finos, sob os olhares severos de alguns nobres de porte altivo.



cidade brilhante que se prolonga através do enorme templo de Salomão, massa formidável de pedras, em degraus magníficos.



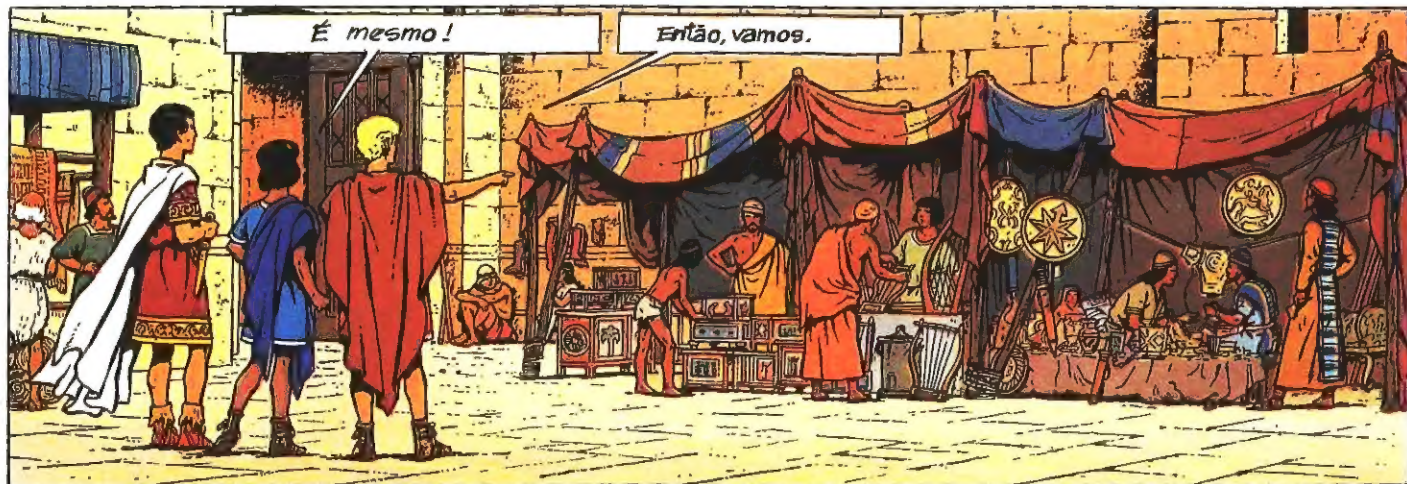
Que ideia estranha marcar um encontro neste local... Nunca vi tantos mercadores.



Claro! É uma ótima maneira de passar despercebido. Era isso que queria quem...

Eia! Olha, ali... o sinal!





É mesmo!

Então, vamos.



Mercador, interessa-te este objecto? Podemos ceder-te, barato.



Caramba! É uma peça valiosa!



Comprá-lo-ia de bom grado, mas conheço alguém que oferecerá muito mais... tem sorte, não está longe.



Ali, junto do Lago de Bronze, a grande tina sagrada, aquele homem vestido de cinzento e beije. Vão ter com ele.



Ja nos viu! Esta a dar a volta ao monumento.

Talvez queira levar-nos para mais longe.

Sigam-lo, não há outra solução.



Hum! Temos um objecto que...

Obrigado! Sigam-me, por favor.



Subamos estas escadas. Acalmem-se, não vamos entrar no santuário dos santos, porque aí, só entra o sumo sacerdote, mas podemos dar uma volta. Há lá poucas pessoas e a vista é excelente.

Que estranha religião está, que impede os fiéis de entrarem no templo!



Talvez! Este povo acredita num só Deus; um Deus terrível e misterioso... A melhor maneira de se ser temido, não é estar longe, muito longe do povo?



Ha 500 anos, os exercitos de Nabucodonossor destruíram completamente este enorme edificio, mas, demonstrando uma extraordinária obstinação, os Judeus reconstruíram-nos com maior esplendor! Isto para Crasso o pilhar, ha alguns anos, antes de ser derrotado em Canha! A partir de então, os habitantes de Jerusalém, que detestavam os Romanos... odeiam-nos.

Interessante, hem?!...

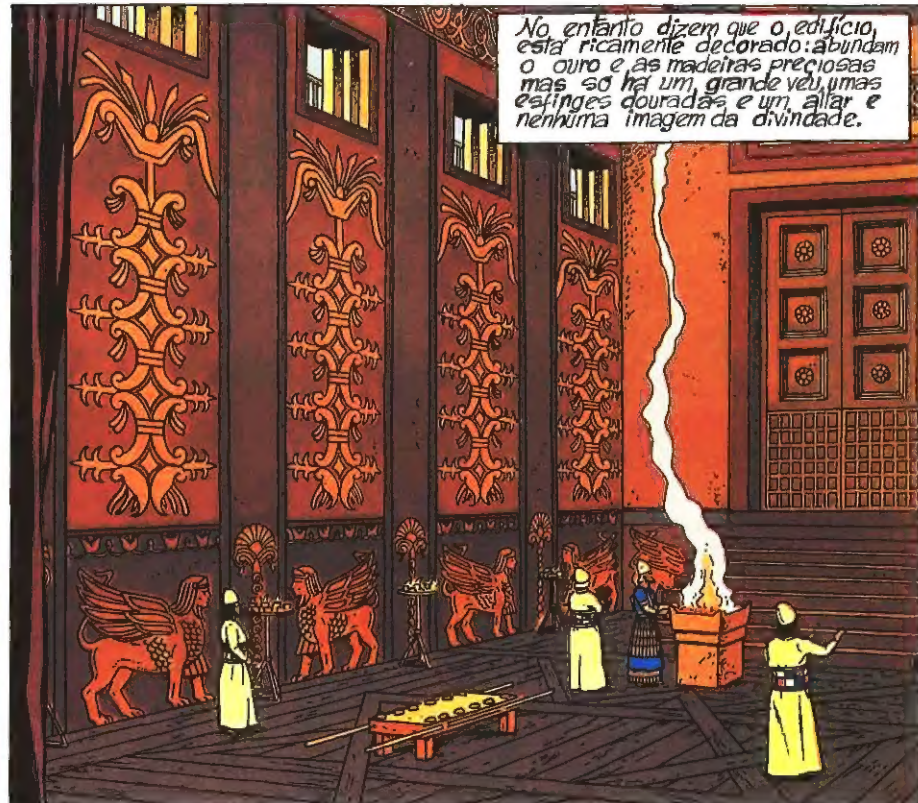


Chamo-me Hiram Khal, ... Não, pensem que os fiz vir aqui para uma conversa acerca deste edificio... Foi enviado por Oribal de Zúr-Bakal (!).

Ora! Quem diria!



No entanto dizem que o edificio, está ricamente decorado: abundam o ouro e as madeiras preciosas mas só ha um, grande vel, umas esfinges douradas e um altar e nenhuma imagem da divindade.

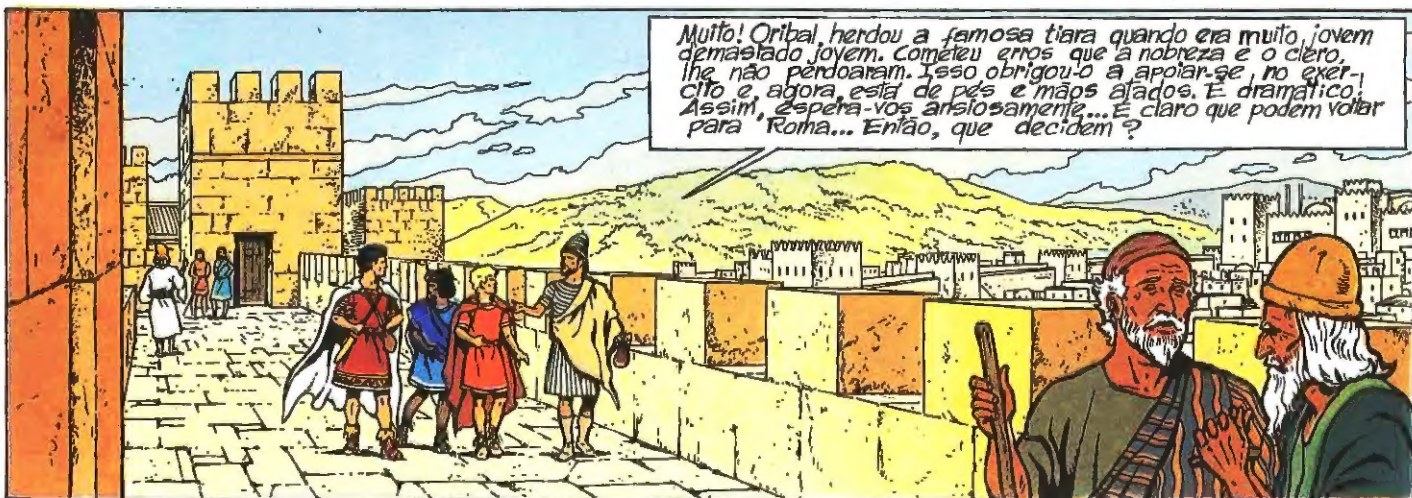


Ele precisa de vós, Alix e Enak. Vocês ajudaram-no a conquistar o trono e, agora que está em risco de perder o reino e até a vida, espera que voltem para, uma vez mais, o salvarem.

É assim tão grave!?



Muito! Oribal, herdou a famosa tiara quando era muito, jovem demasiado jovem. Cometeu erros que a nobreza e o clero, lhe não perdoaram. Isso obrigou-o a apoiar-se, no exercito e agora, está de pés e mãos atados. É dramático. Assim, espera-vos ansiosamente... É claro que podem voltar para Roma... Então, que decidem?



(*) Ver "A Tiara de Oribal"

Nunca deixei um amigo em apuros, mas por que não foram à Roma, informar-me de tudo isto?

Era impossível, muito perigoso. Os espiões de Pompeia teriam descoberto, o que tornaria perigosa a minha missão.

Talvez, tenhas razão. Mas, que aconteceria se eu recusasse?

Nada. Dar-te-ia esta bolsa de ouro para te compensar dos custos da viagem.

Então oferece-a a Claudius Glarus que nos trouxe até cá: isso compensa-lo-á.

Mas!...

Então, toma, Glarus, e diz adeus aos teus companheiros porque o tempo urge. Temos de partir quanto antes.

Obrigado.

Bom, temos de nos separar abruptamente!

Tens a coragem de um Romano, Alix, e o teu amigo também. Que os nossos Deuses vos protejam.

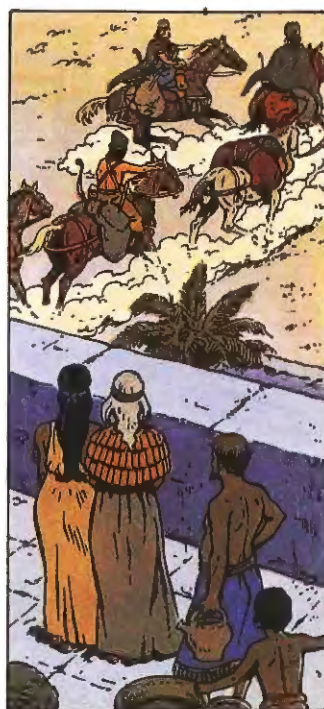
A sua ajuda talvez não seja necessária.

É a vantagem de ter muitos... adeus!

Temos poucas horas para tratar da partida e, e pouco!

Como vamos fazer?...

Temos de aproveitar uma caravana que parte para a Babilônia. Integrados numa caravana de comerciantes, teremos a melhor protecção possível contra os piratas que infestam algumas regiões. Apesar disso, temos de estar em guarda... e preparados.





Hei! O homem de negro!... Es-
condeu-se atrás do muro!



Estás a sonhar, meu
rapaz! Só lá
estão os curiosos
do costume.

Da próxima vez Enak, não ma-
nifestes surpresa. Previ-
ne-os discretamente.

De acordo!

Então, durante todo o dia, a caravana desloca-se
sob um sol brilhante e o calor é difícil de suportar.



Quando atravessam aldeias, os
bastaques têm de ser
afastados aos gritos, mas
o pior são os ataques das
moscas.



Finalmente...

O Jordão!... Vamos pa-
rar, para passar a
noite, perto daqueles
rochedos, em paz e
no fresco.

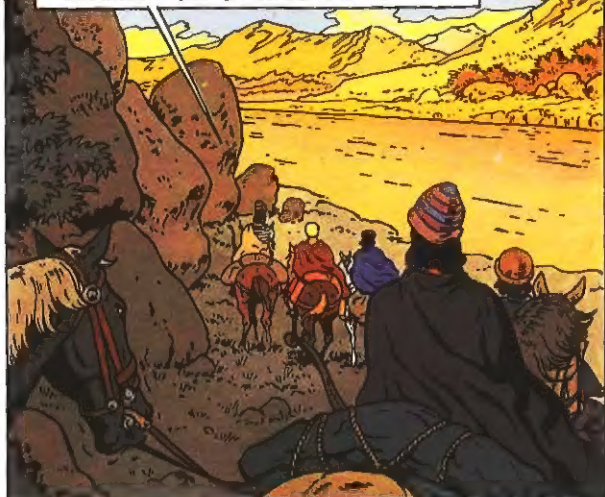


E pouco depois...

Os vi-
gias, revezam-se de três
em três horas: mera precau-
ção porque, nesta região, não
corremos grande perigo.

Enak e eu
também po-
demos fazer
um turno...

Não! Por agora, não. Mais tarde
veremos se é necessário.



Que lindo pôr-do-sol.

Eh! Olhem! Uma cara-
vana na outra margem.



Pararam mesmo em frente.
Caramba, vão acampar ali!
Estranho!?

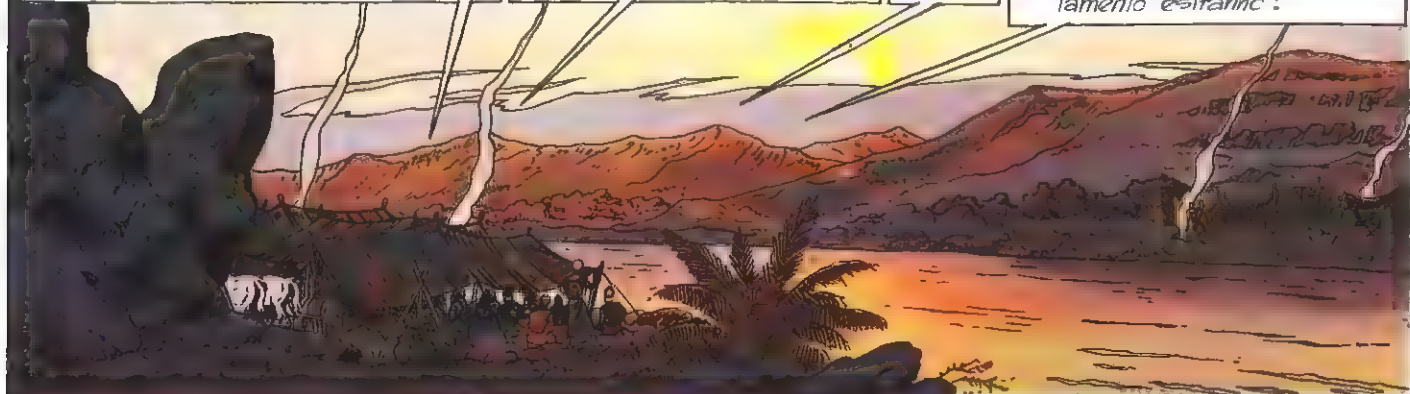


Tal como nós, sabem, o Jordão!... Mas, onde é que o atravessaram?

Talvez haja, uma passagem, mais abaixo, junto ao Mar Morto.

Alix, eu...

Sim, não é o trajecto habitual das caravanas. Que comportamento estranho!



Olha, ali, entre os outros, há um homem vestido de negro.

Onde?...



Ali, no grupo, junto às tendas... Escondeu-se agora! Já não o vejo!

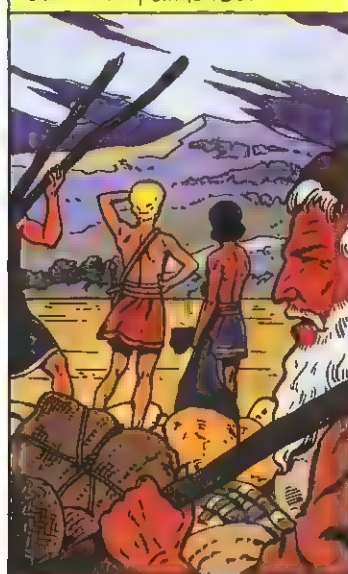
É intrigante! Espero que o possamos ver em breve.



Caída, a noite, as fogueiras brilham de ambos os lados do rio, sem que ninguém esboce um sinal, ignorando o que se passa do outro lado.



De manhã, Alix e Linak surpreendem-se ao ver, em vez da margem oposta, como se a enigmática caravana tivesse desaparecido silenciosamente da escuridão, entre a indiferença total dos seus companheiros.



A meio do dia, tendo atravessado o rio há muito tempo, o grupo entra num desfiladeiro rochoso.



E, de súbito...

ALTO!

Que se passa?...



Aqueles pássaros são abutres. Deve haver cadáveres lá em cima!



Os infelizes!
...em que es-
tado!...

Devem ser retardatários de uma
caravana! Foram surpreendidos
por ladrões do deserto! É horrível!

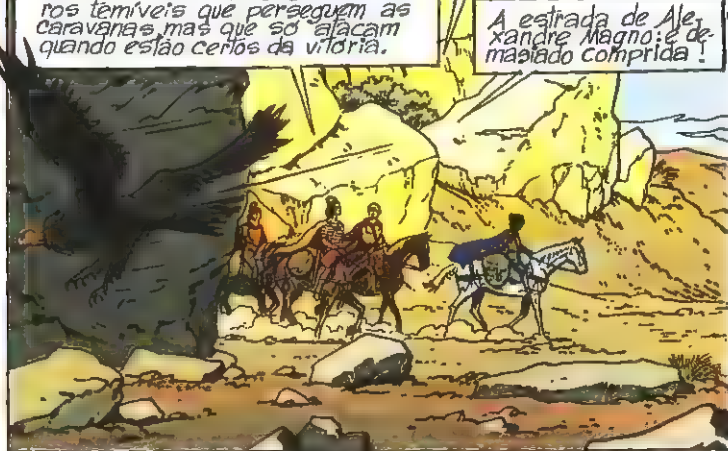
Mas, donde vêm os
agressores?



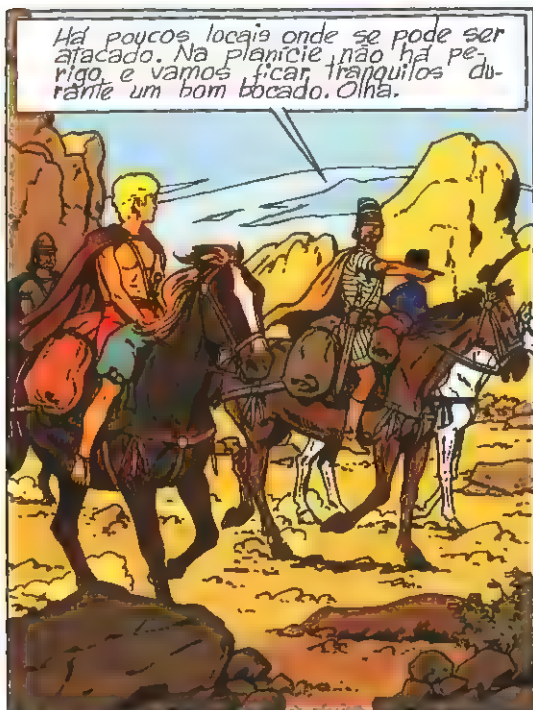
Do Sul. São nômadas que pertencem
às tribos dos Agreus,
Senitas e dos Greeus. Guerreiros
temíveis que perseguem as
caravanas, mas que só atacam
quando estão certos da vitória.

Por que não passam
mais ao Norte?

A estrada de Alexandre Magno é de
maior comprimento!



Ha poucos locais onde se pode ser
atacado. Na planície não há pe-
rigo e vamos ficar tranquilos du-
rante um bom bocado. Olha.



...Todavia parece-
mos muito vulne-
ráveis neste deserto:
vêm-nos ao longe.

É verdade, mas também podemos ver o
inimigo à distância e essa gente não
aparece quando o vento lhe é desfavorá-
vel... e como sopra do Sul!



Não te alarmes tanto, meu rapaz! Ficaremos
em segurança no maciço rochoso!

Ah! Não vais mandar
um baileiro?...



É inútil! Conheço todos os rochedos
desta encosta. Além disso, se houvesse
perigo, senti-lo-ia de imediato.



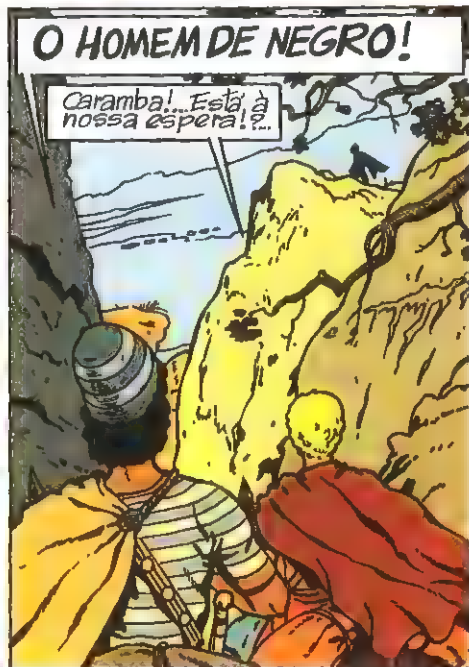
Então!... Vê se não há
ninguém?...

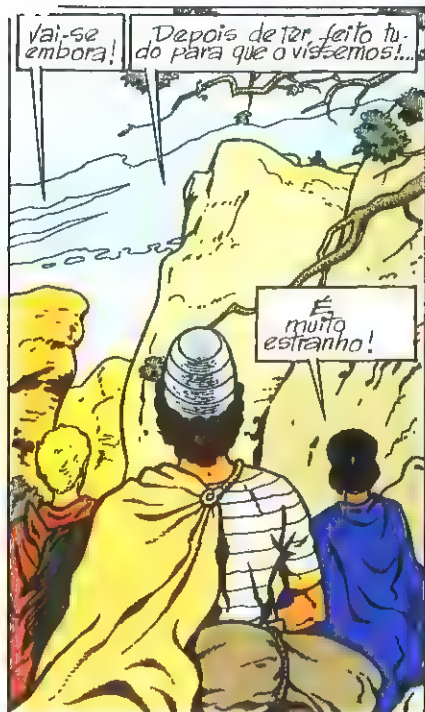
Ha, ali!...



O HOMEM DE NEGRO!

Caramba!... Está à
nossa espera!...

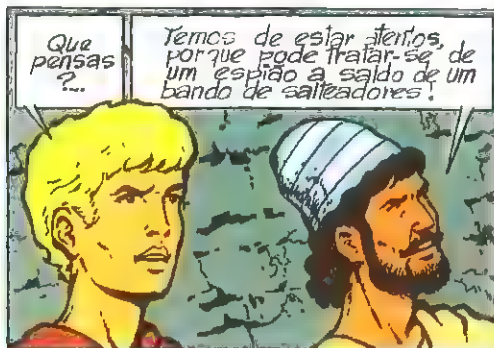




Vai-se embora!

Depois de ter feito tudo para que o vissemos!...

É muito estranho!



Que pensas?

Temos de estar atentos, porque pode tratar-se de um espião a salvo de um bando de saqueadores!



Desconfiar, desconfiar e desconfiar.

Sobretudo em locais como este.



A noite, a caravana acampa junto de um poço donde os homens mal conseguem retirar uma água rara e duvidosa.

Ph! Apenas o suficiente para nos lavarmos mal!



No dia seguinte, a caravana já percorreu uma grande distância no deserto, quando...

Que se passa agora? Que vão?

Ali em cima!



O vento mudou. Olha, vem de Nordeste. As noites vão ficar mais frias.

E, os nômadas podem surpreender-nos.



Não é certo porque se o céu ficar encoberto os fadros ficam no sul: detestam o frio e a chuva.



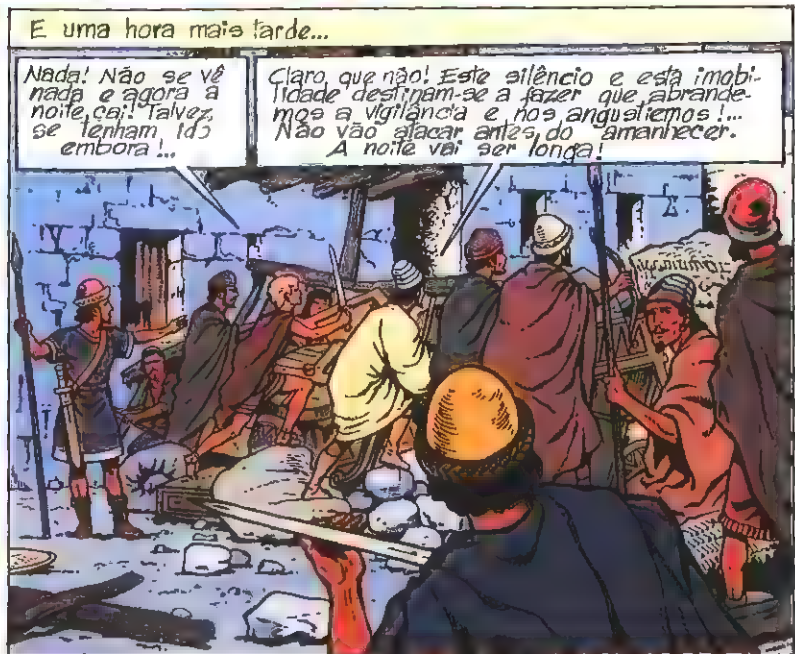
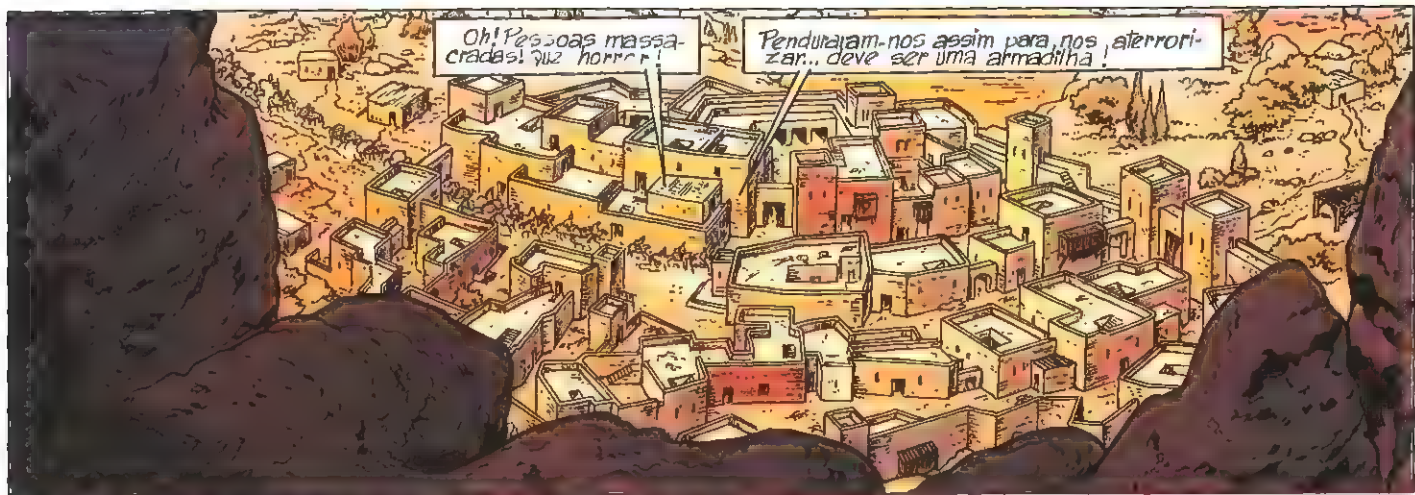
E, finalmente, à tarde.

A passagem de Kasser-Him. É um lugar calmo. Há uma aldeia que negocia com as caravanas.



Que silêncio!...

Com efeito, não é normal!?



E quando um clarão fraco ilumina o topo dos rochedos...

Eh! Acordem!... A manhã vai romper: é o momento mais perigoso!

Não: não se vê ninguém! Além disso, há silêncio: nada se mexe e...

AAAAA!

ALERTA!...

Vem de cima!

As flechas vêm de todos os lados!

Para dentro das casas, já!

ALIX!... ENAK!... POR AQUI!

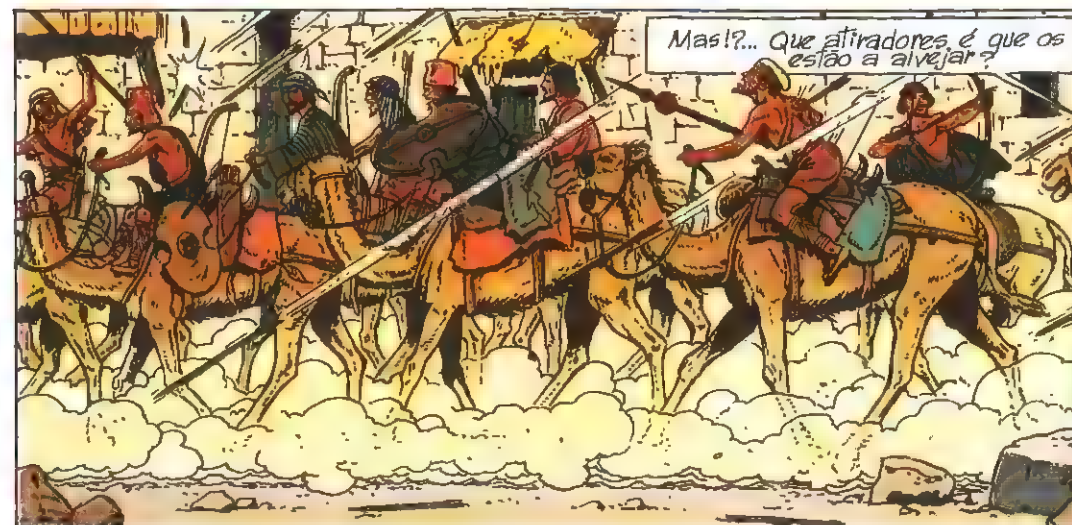
Mas, olha, estão a atacar!

É melhor defendermo-nos atrás das barricadas.

É impossível, os arqueiros vão atingir-nos.

Ei-los!

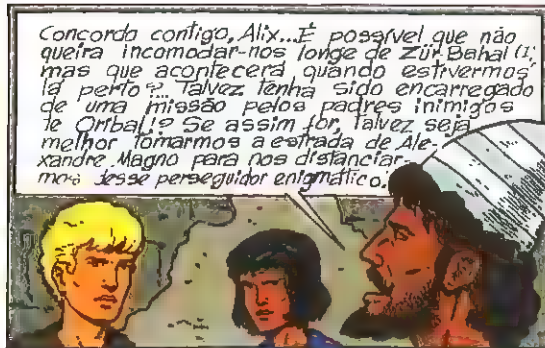
ALIX!... CUIDADO!... ALIX!...





Vão-se! Que comportamento estranho.

Se bem entendo, aquele homem de negro não quer que nos façam mal e vigia-nos de perto.



Concordo contigo, Alix... É possível que não queira incomodar-nos longe de Zûr Bahal (1), mas que acontecerá quando estrivermos lá perto?... Talvez tenha sido encarregado de uma missão pelas padrez inimigas de Oribal! Se assim for, talvez seja melhor tomarmos a estrada de Alexandre Magno para nos distanciar-mos desse perseguidor enigmático.



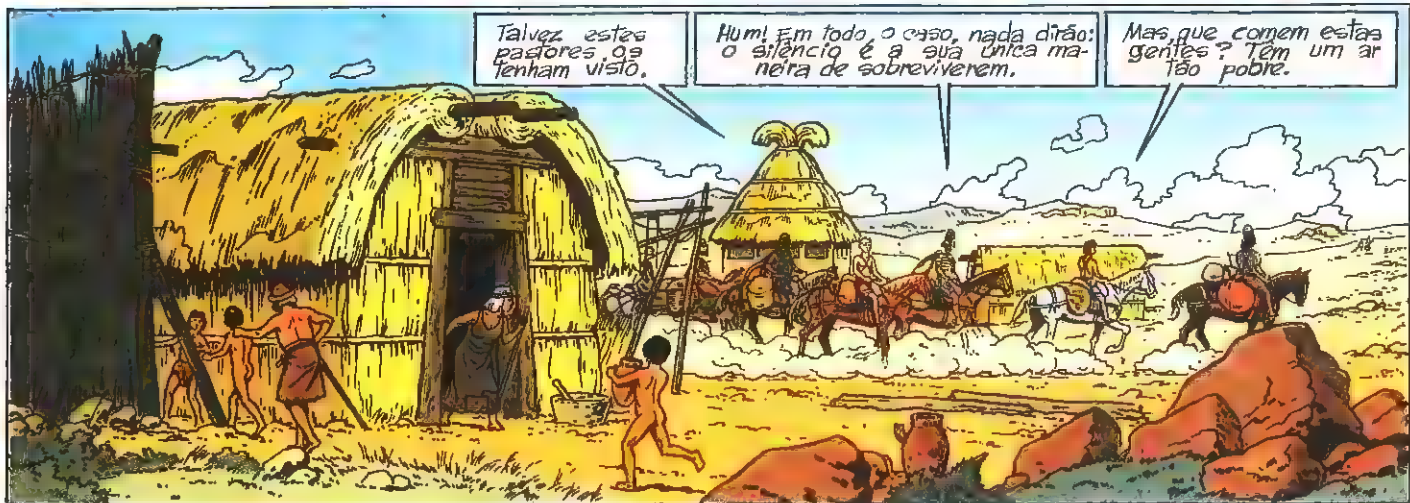
Em baixo, está o caminho que pensava seguir... Pois bem, vamos subir para o Norte para atingirmos o Eufrates e, depois, o Tigre, no local onde o Macedónio infligiu uma esmagadora derrota aos Persas. Depois seguimos a estrada até à Babilónia onde nos espera um enviado de Zûr Bahal.



Algumas horas depois, a caravana já está longe quando...

Nem vestígios dos saqueadores!

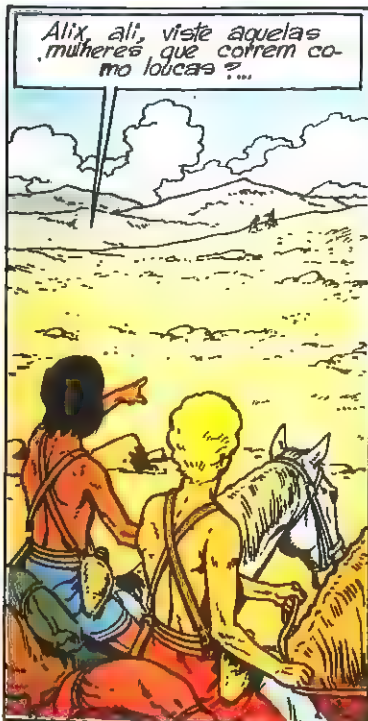
Sim. No entanto, inquietam-me menos que o homem de negro e os seus. Desapareceram como por magia.



Talvez estes pastores os tenham visto.

Hum! Em todo o caso, nada dizem! O silêncio é a sua única maneira de sobreviverem.

Mas, que comem estas gentes? Têm um ar tão pobre.



Alix, ali, viste aquelas mulheres que correm como loucas?...



A maior está a tropeçar! Que se passa?...



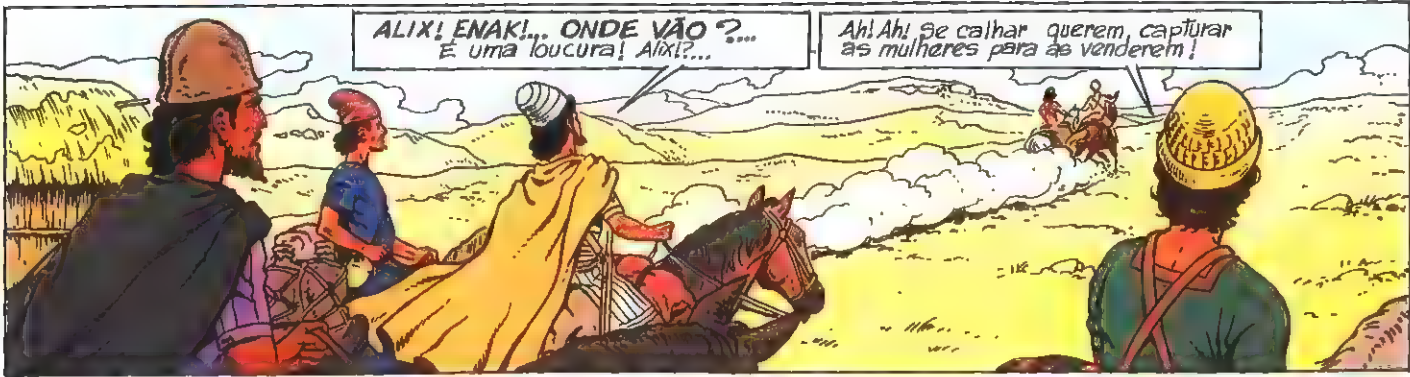
Não!... Para!... **PÁRA!...**

É preciso!... Temos de os apanhar... é a nossa única!...



AAAAAH!

(1) Ver "A Tlára de Oribal."



ALIX! ENAK!... ONDE VÃO?...
É uma loucura! Alixi!...

Ah! Ah! se calhar querem capturar
as mulheres para as venderem!



Os rapazes alcançam-nas finalmente!

Oh! Não é possível! Não!
NÃO!...



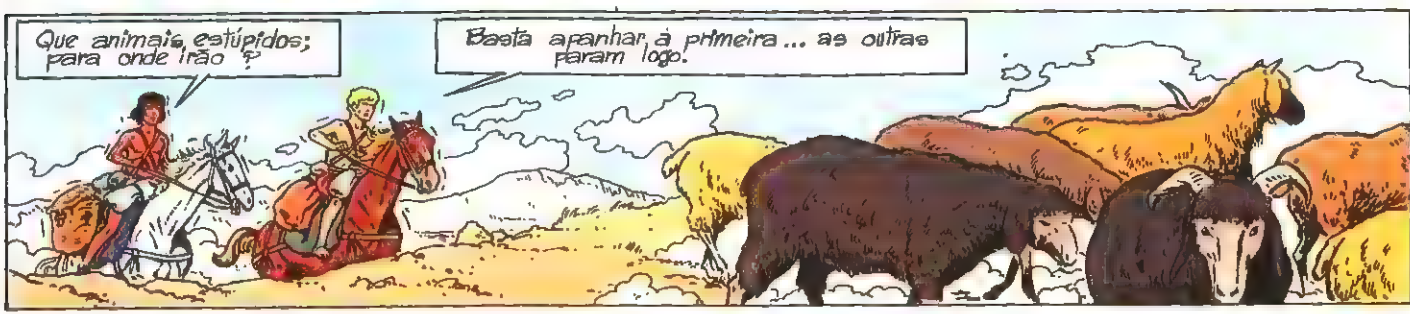
Que se passa?
Por que choras?

As nossas ovelhas!... Fugiram
por ali, eram tudo o que tínhamos... e agora...

Espera, vamos tentar
apanhá-las.

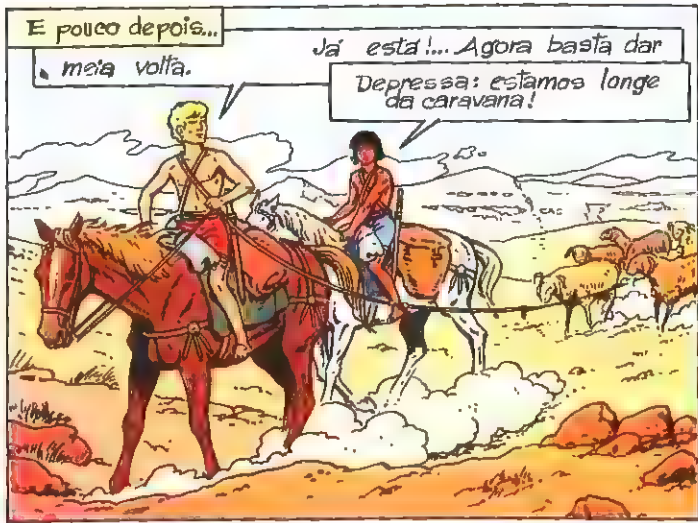


Eh, olha-as à esquerda.



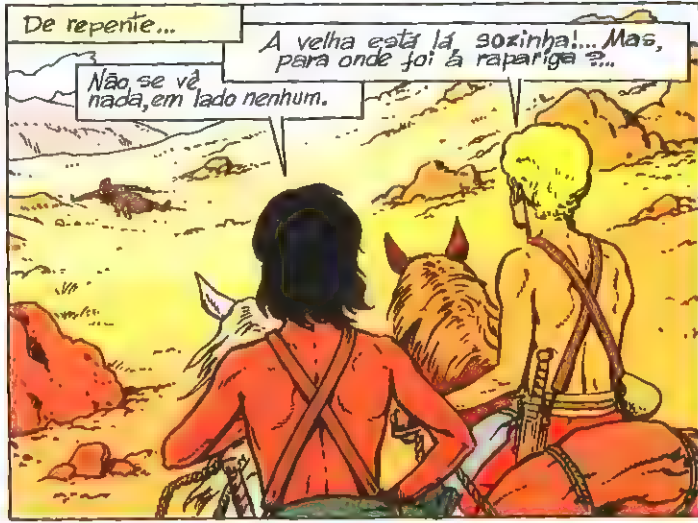
Que animais estúpidos;
para onde irão?

Basta apanhar à primeira... as outras
param logo.



E pouco depois...
meia volta.

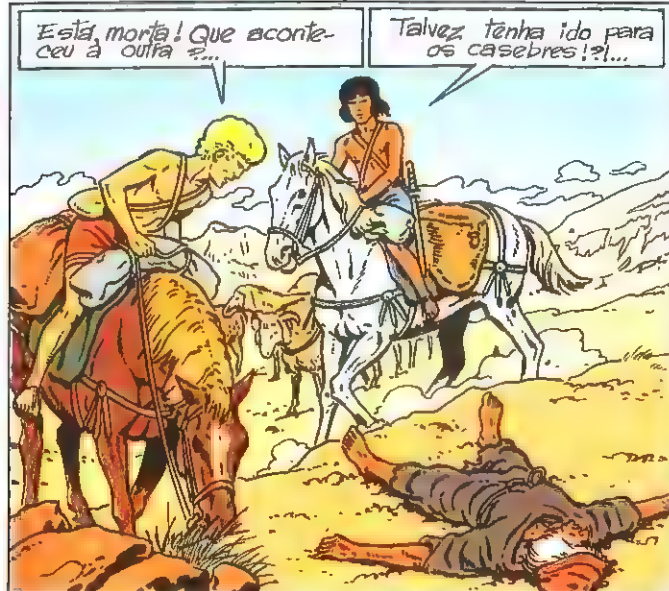
Já está!... Agora basta dar
Depressa: estamos longe
da caravana!



De repente...

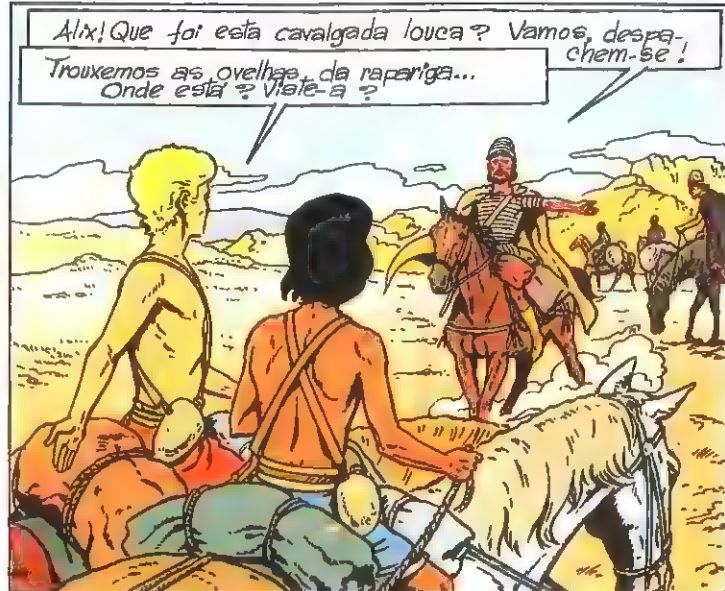
A velha está lá, sozinha!... Mas,
para onde foi a rapariga?...

Não, se vê
nada, em lado nenhum.



Está morto! Que aconteceu à outra?...

Talvez tenha ido para os casebres!?!...



Alix! Que foi esta cavalgada louca? Vamos, despa-chem-se! Trouxemos as ovelhas da rapariga... Onde está? Vá lá-a?



Sim; está amarrada ao cavalo de Mah-Rihim... Capturou-a! Estava sozinha! É a lei do deserto!



Como!? Enquanto Enak e eu nos esforçávamos por salvar essas animas - a única riqueza que resta a esta infeliz - um de vocês raptou a criança! Que a vergonha lhe tinja as faces!



Chega de moral estrangeiro... E a regra é a tua conversão não altera nada... Uma jovem como esta rende um bom preço num mercado de escravos.

Dá-ma, ou...



Ou, o quê?... Vem buscá-la!

Está bem, assim o quise este.

Chega... baixem as armas.



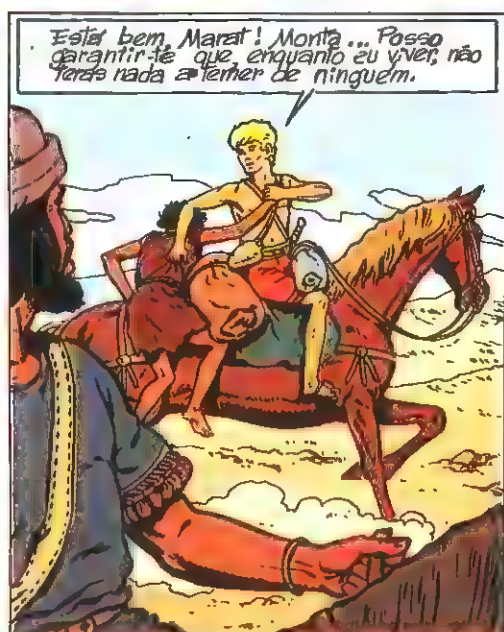
Então, fica com as ovelhas e liberta-a; não perdes com a troca.

Hum! Vou ver!... Matando-os... e salvando os melhores bocados!... Bom, já que insistes, fica com ela. Férias as contas, prefiro a carne.



E pouco depois...

Não, já não quero ficar aqui, mas sim ir contigo; ademais estou só!



Está bem Marat! Monta... Posso garantir-te que enquanto eu viver, não terás nada a temer de ninguém.

A noite enquanto o mercador Mdh-Rhm desfaç e desuma as ovelhas, Alix e os seus companheiros comem à parê.

Preocupo-te, não é?

Não, não!
Está bem assim.

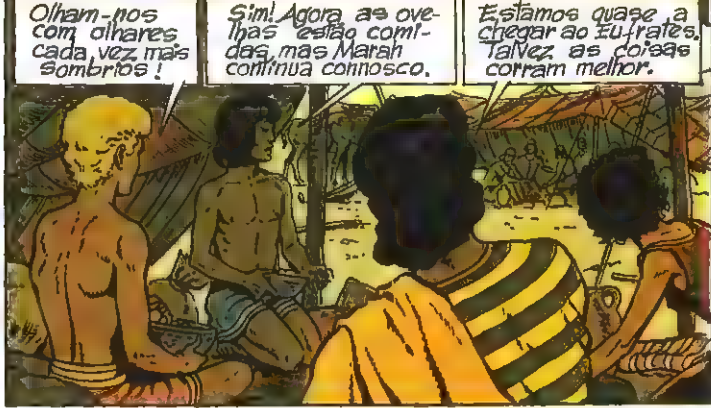


E enquanto o tempo passa, a separação entre os dois grupos torna-se mais nítida.

Olham-nos com olhares cada vez mais sombrios!

Sim! Agora as ovelhas estão comidadas, mas Marah continua conosco.

Estamos quase a chegar ao Eufrates. Talvez as coisas corram melhor.

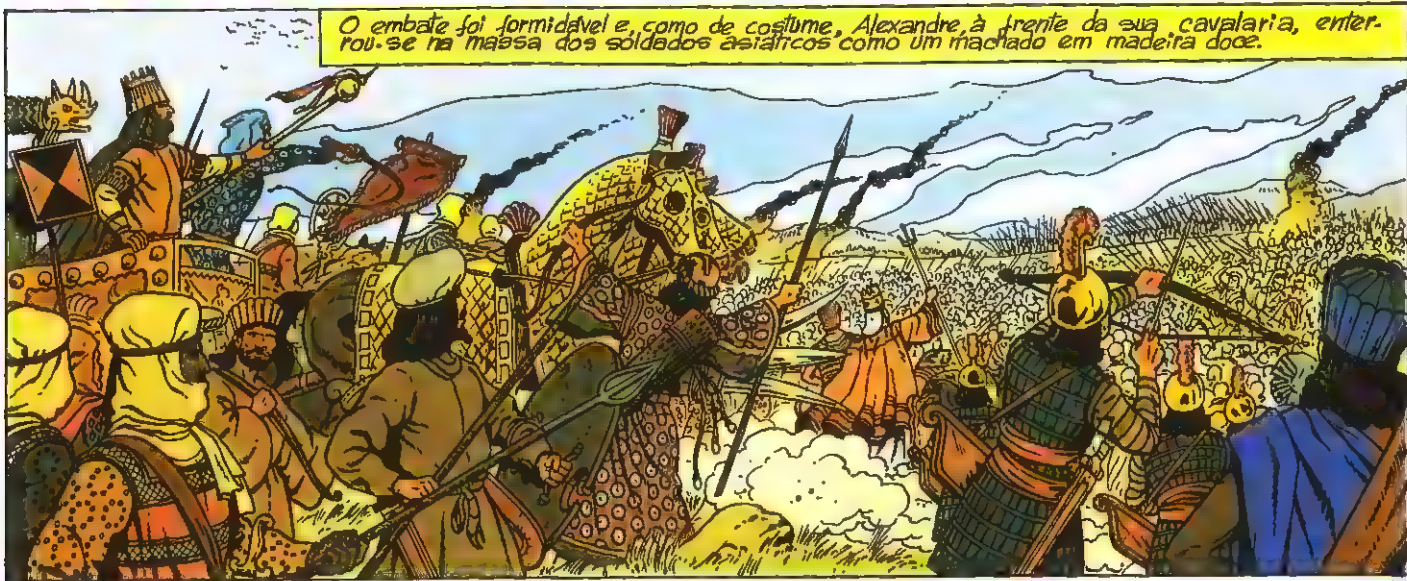


E três dias depois.

Éis a planície de Gaugamêles. Ali, há cerca de três séculos, Alexandre Magno desfronjou, pela terceira vez, Dario III. Os Gregos ficaram à direita e os Persas tinham reunido o seu poderoso exército, além, próximo de Arbèles.



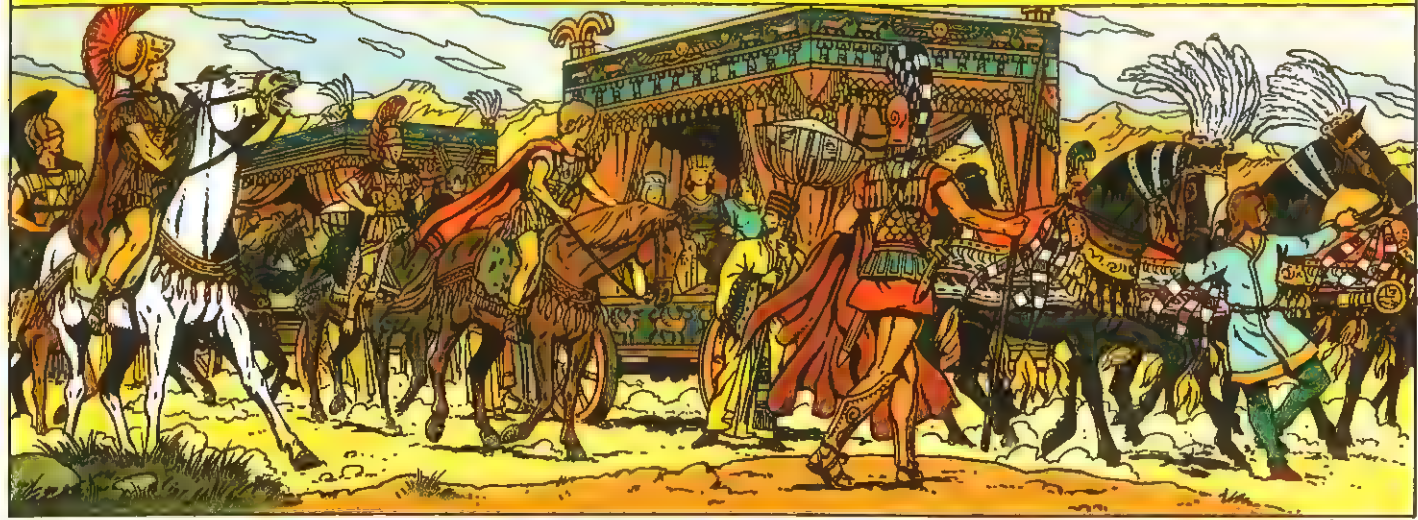
O embate foi formidável e, como de costume, Alexandre, à frente da sua cavalaria, enterrou-se na massa dos soldados asiáticos como um machado em madeira doce.



A noite o Macedónio ganhara uma, das mais famosas batalhas da História. Com algumas dezenas de milhar de homens, Alexandre pulverizara um número inconcebível de combatentes! No fim, o jovem conquistador e os seus generais acataram a carnificina, mas Dario conseguiu fugir deixando uma estrada livre: a da Babilónia.



No dia seguinte, Alexandre foi consolar, como pôde, a mãe, a mulher, o filho e as três filhas de Dario: família capturada em Issos e que o jovem conquistador rodeava de todo o falso possível... para raiva dos oficiais macedônios. Mas como a vitória iluminava tudo...



Pouco depois ofereceu ao Olimpo um sacrifício memorável e, em memória daqueles que quis unir, o Ocidente ao Oriente, propôs que oremos aos nossos deuses, aqui.



Os deuses!? Mas não aos desse antigo invasor!...

Alexandre, que nasceu Macedônio, morreu Persa... Merece bem essa homenagem.



Só faço sacrifícios a Javé, meu único Deus.

E eu a Baal.

Só Zoroastro pode receber o fogo como oferenda.



Pois bem, que cada um reze ao seu. Vou queimar estas grãos de trigo e, assim, ninguém ficará chocado.



Mas enquanto Hiram se ajoelha diante do seu humilde sacrifício, os companheiros manifestam ruidosamente a sua discordância e a atmosfera torna-se carregada.



May, a discordância instala-se entre nós! Como é que vamos chegar ao destino nestas condições!?



De súbito...

Que é que?!... De onde vem este vento?



O FOGO! APAGOU-SE!...



Viram?... Um sopro misterioso,
apagou-se de uma vez só!

É porque o céu não o queria...
Bom, chega de tempo perdido,
voltemos ao caminho.



Eh, que tens? Vem, Marah.



Uma hora mais tarde já se puseram
a caminho mas num ambiente tenso
que, de súbito, provoca uma sepa-
ração em dois grupos.



No dia seguinte, quando o composto
por Alix e Viram avista as ruínas de
Assur, a famosa cidade assíria, do ou-
tro lado do Tigre...

Olha, desta vez é a ruptu-
ra definitiva.

Na verdade! Faguei-lhes para nos acompaña-
rem até à Babilónia e vê... Pff! De qualquer
forma talvez seja melhor assim, porque já não
há desertos perigosos para atravessar.



Aqui o tráfego é denso e, como so-
me quatro e os cavalos estão
fatigados, mata vale alugar uma bar-
ca "ele", perto da Babilónia... e ga-
nharemos tempo!

Ali deve haver!



E pouco depois...

Vai ter com Zabda, que tem
uma barca com dois portões e
pode transportar as montadas.



És tu,
Zabda?

Sim,
que desejás?

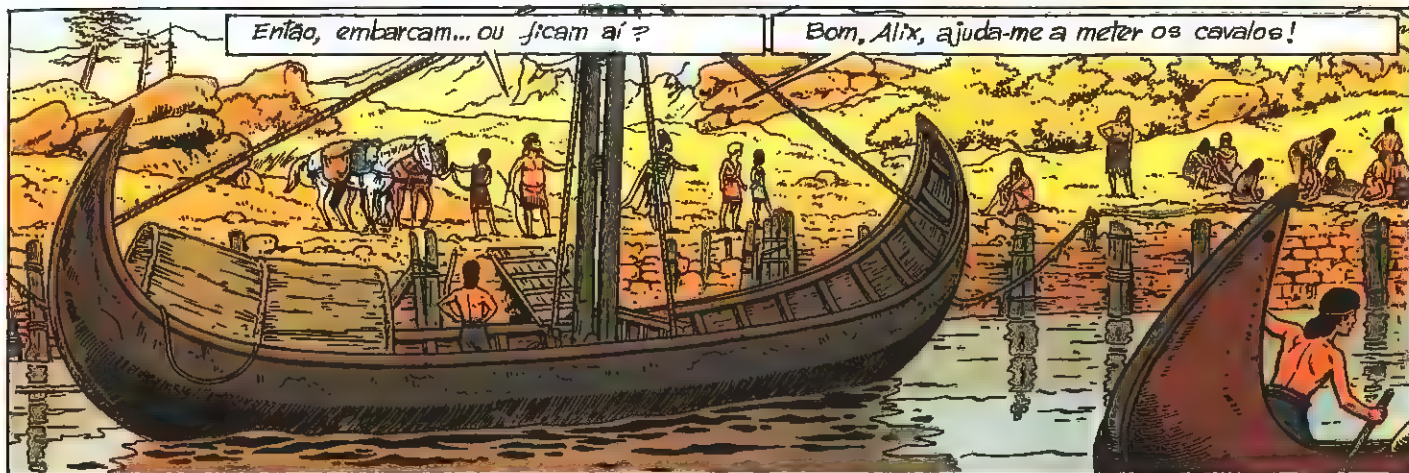


...e depois de muita conversa...

Concordo com
o preço. Subam
a bordo. Os
cavalos pri-
meiro...

Caramba! São
mulheres e
crianças que
nós
vão puxar!





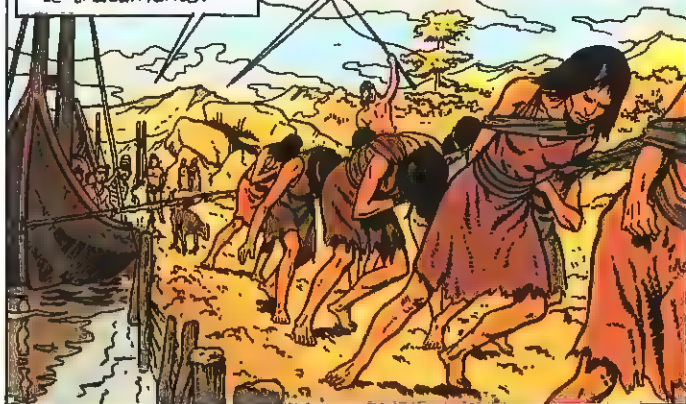
Então, embarcam... ou ficam aí?

Bom, Alix, ajuda-me a meter os cavalos!

Pouco depois, o barco é puxado pelas mulheres sob o olhar severo de Zabda e os latidos do seu cão.

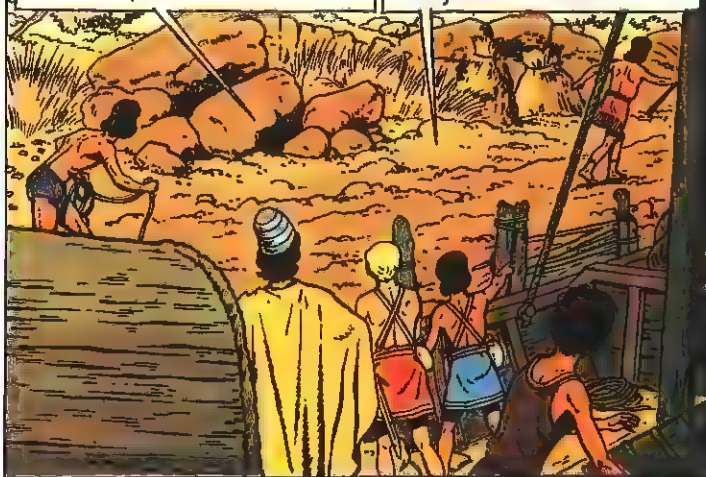
Que horror! Mulheres e crianças submetidas a este tratamento.

É natural. Aqui os escravos custam mais barato que os homens. Mas não compreendo, por que te escandalizas assim!



Porque fui várias vezes vendido como escravo: sei o que custa.

Olha, Alix, o amo bate-lhes com o chicote como se fossem animais.



ZABDA, PÁRA!
Porquê essa crueldade?

Que se passa contigo? Deixa-me manobrar o barco como deve ser, e a minha missão... Avancem, mi-serravêrs. **AVANCEM!**



Chega! Vem comigo, Enak.

Alix? volta, é absurdo!... **ALIX!?**...



Larga o chicote! Larga-o, já disse, e que as mulheres parem de imediato.

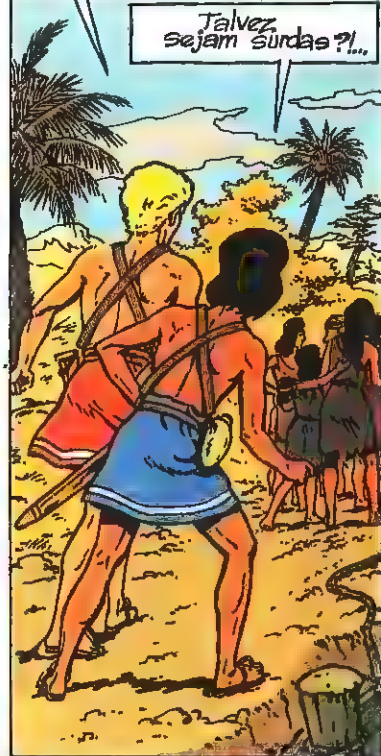
Bom! Assim o quiseste!

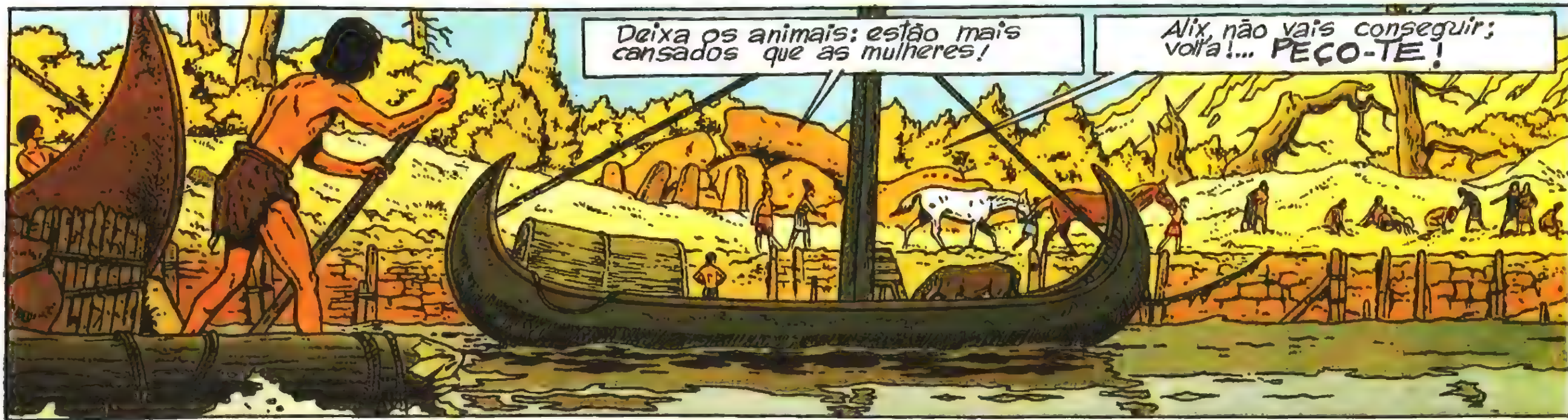


Ei, vocês, descansem. Enak e eu vamos afe-lar os cavalos. Eh, estão a ouvir?

EH!

Talvez sejam surdas?!...





Deixa os animais: estão mais cansados que as mulheres!

Alix, não vais conseguir; volta!... PEÇO-TE!



Os cavalos ficam estrangulados! Precisam doutro sistema! A corda não está presa como convém... Para, Alix!...



Espera um pouco, miúda, vou falar-lhe... Vocês, venham,



Tu, rapaz de cabelos cor de palha, deixa-nos puxar... Fica calmo, Zabda mal nos toca com o chicote: tem muito medo de nos estragar porque, juntamente com o navio, somos tudo o que possui.

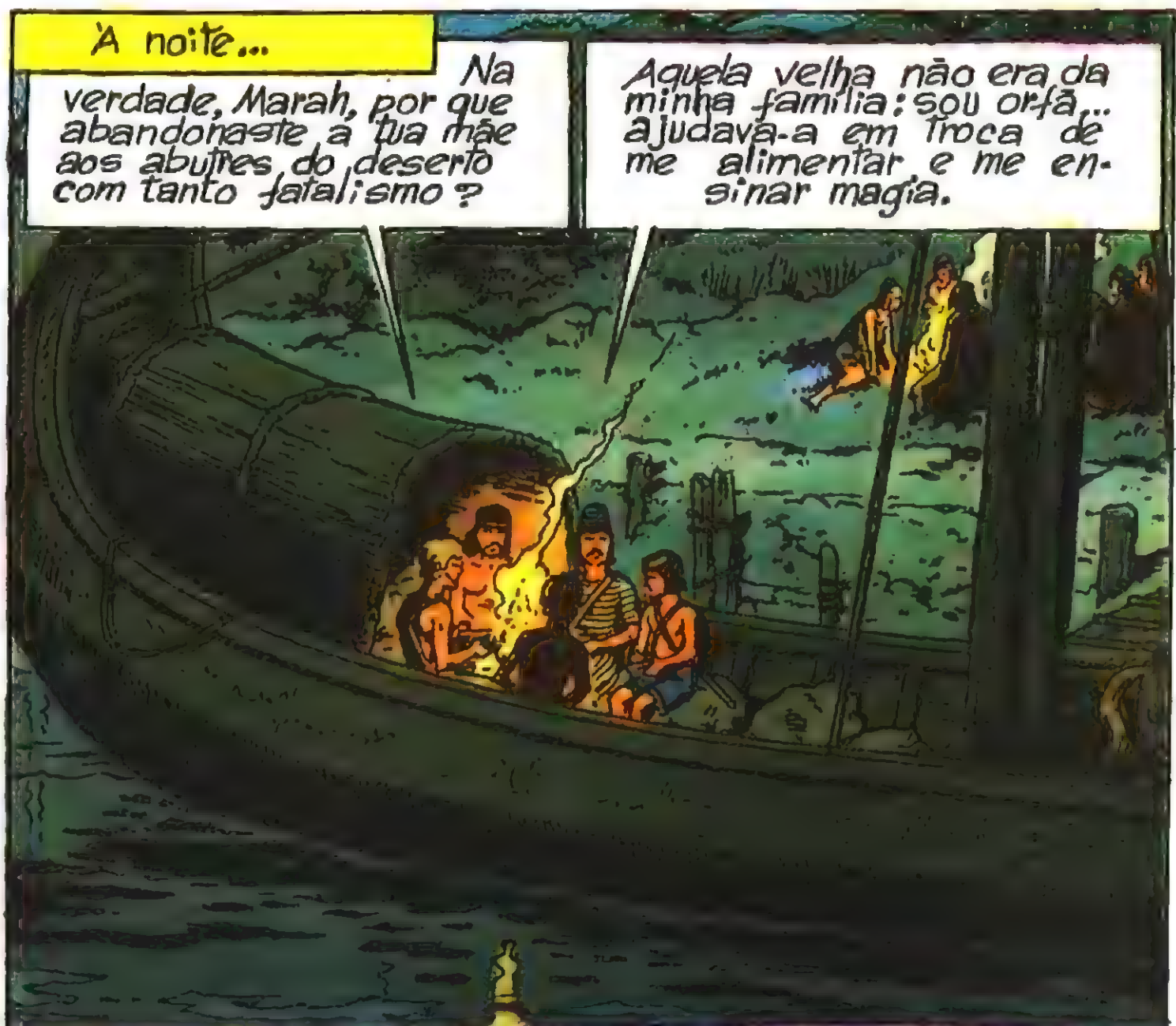


Bem, preferia ser o mais miserável dos pastores a atormentar esta tripulação!... De qualquer modo, não quero ser puxado por estas infelizes. Ajudá-las-ei enquanto os nossos cavalos estiverem a bordo.

Eu também.



Então no dia seguinte, os barqueiros têm a surpresa de ver uma barca puxada por rapazes, seguidos de mulheres andrajosas... e um guarda ocioso.



A noite...

Na verdade, Marah, por que abandonaste a tua mãe aos abutres do deserto com tanto fatalismo?

Aquela velha não era da minha família: sou orfã... ajudava-a em troca de me alimentar e me ensinar magia.

Magia!? Que pensas fazer com isso?

Oh! Muitas coisas! Para uma rapariga como eu pode ser precioso e evitar-me puxar barcos... ou terminar a minha vida como sacerdotiza reclusa no fundo de um templo qualquer... Alix, olha para este fogo...

Posso apagar-lo, se quiser.

E o das escravas, além. Vê o que lhe faço.

Uma chama alta...

...ou um pequeno brazido insignificante.

Como os teus olhos ficam estranhos quando comandas este elemento.

O vento do meu sacrifício eras tu, então! Pois bem, eis uns talentos que podem ser úteis, Marah.

Na verdade, porque ainda não chegámos!... De facto, Hiram, ainda não me explica como é que Oribal chegou a uma situação tão desastrosa.

Pois não!... Quando Arbaces usurpou o trono em Zúr-Bakal⁽¹⁾ teve o cuidado de manter as antigas tradições do reino. Quando foi afastado o jovem Oribal, assustado pela civilização greco-romana, não seguiu a mesma prática, porque desejava transformar o país no que sonhava.

Mal foi investido no trono secular dos seus antepassados conservou durante algum tempo as estruturas arcaicas para não chocar ninguém mas, a pouco e pouco rodeou-se de conselheiros e artistas gregos.

Estes recomendaram-lhe que erigisse estátuas de Alexandre Magno vestido de macedónio e persa para lembrar ao povo a influência do grande homem no império.

Pouco depois, na colina de Moshar, Oribal mandou construir um templo dedicado à Concórdia e Apolo, sob a fúria sombria dos velhos sacerdotes que viram nisso uma ofensa suprema.

Finalmente, o jovem rei, rodeado de uma guarda cada vez mais numerosa, adoptou as vestes gregas e impôs-las à corte... e a todos os habitantes que acharam que esta inovação era um insulto aos seus costumes.



(1) Ver "A Tiara de Oribal!"

Todavia, tudo foi bem até ao período de festas oferecidas para a consagração do novo templo de Apolo. Para tal, Orbital convidara os mais ilustres monarcas e potentados vizinhos que, apesar do seu luxo, ficaram, siderados por um ambiente grego-persa tão caro ao célebre Alexandre.



Mas, mal os convidados partiram, uma noite, o belo templo ardeu como um archote e a intervenção do exército foi inútil! Só resta uma fila de colunas enegrecidas.



É a vingança do céu, afirmaram os sacerdotes tradicionais e proclamaram que qualquer nova tração à religião verdadeira e única seria punida de forma semelhante, ou pior.



Orbital considerou que a reacção dos chefes religiosos era uma manifestação sectária e refugiou-se cada vez mais no seio da sua corte onde brilhavam alguns generais cujas riquezas e poder aumentaram sem cessar.



Tudo isso exigia muito dinheiro e tornaram-se necessários novos impostos. Os padres opuseram-se e os cobradores receberam ordens severas: o confronto surgiu. Uma noite, depois de um cobrador ter mandado vender como escravos os filhos de uma viúva que não podia pagar uma revolta iniciada nos bairros pobres foi assaltar o palácio. O exército deteve o ímpeto e a repressão foi sangrenta.



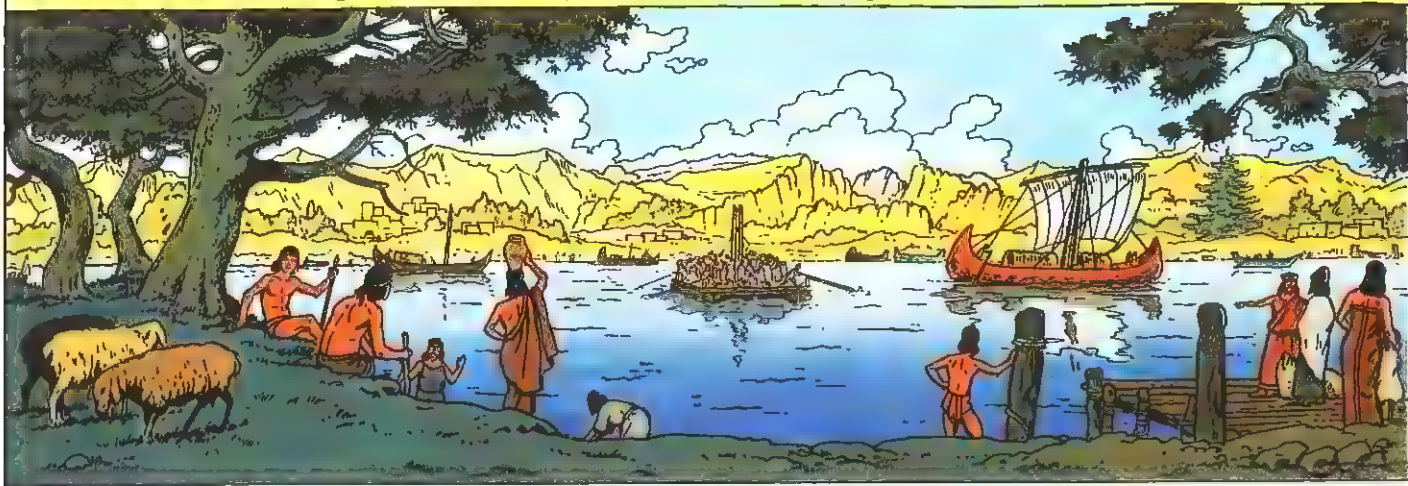
No dia seguinte, só restava o ódio entre as duas facções. De um lado, o Rei, os seus nobres e os seus guerreiros, do outro, os padres, o povo e um novo chefe vindo não se sabe donde: o género de ser que só sai das trevas nos períodos conturbados. Chama-se Hor-Khal.



Pouco depois Orbital pediu-me que te procurasse, Alix, porque penso que quer deixar o país... E eis-nos perto da Babilónia, perto do fim, mas com o espírito inquieto e o coração pesado!...



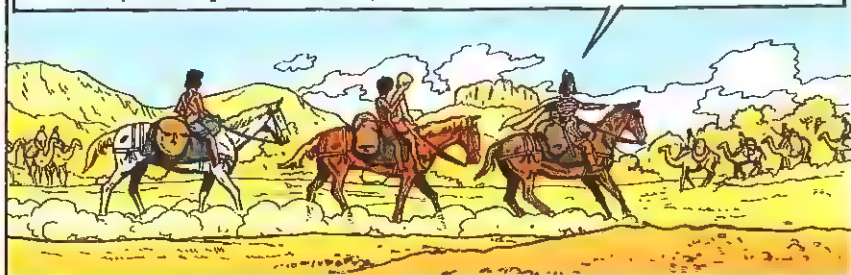
No dia seguinte, os quatro companheiros atravessam o Tigre numa balsa.



Depois, no meio do vai-vem contínuo dos vigilantes, partem para o outro rio.



Aquela vegetação lá em baixo, e a margem do Eufrates. Estes dois pontos ficam muito perto.



E um pouco mais tarde...

Ei-oi! Só temos de encontrar uma embarcação para entrarmos na cidade: e a maneira mais rápida.



Finalmente...

Que barcos estranhos! ... É tudo o que tens para alugar?

Sim. Vão ver que são práticos. Basta deixarem-nos na ponte de Knir, perto da porta de Ishtar. Procurem pelo Kurigal; ele toma conta dos barcos.

Está bem, vamos.



Felizmente não há corrente, porque não são fáceis de manobrar.

Até são difíceis! Ah! Os mercadores! For Jim! Gosto mais disto do que ser puxado por mulheres.



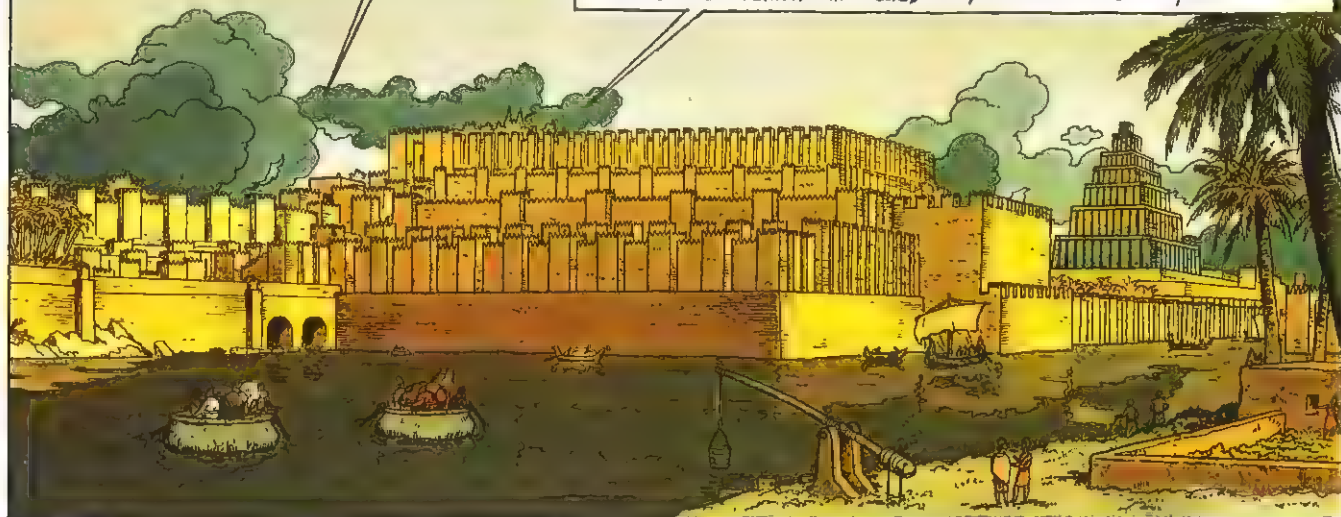
De súbito...

Eh!... Vejam, é formidável!



Sim, Babilônia!...Uma das maravilhas do mundo!

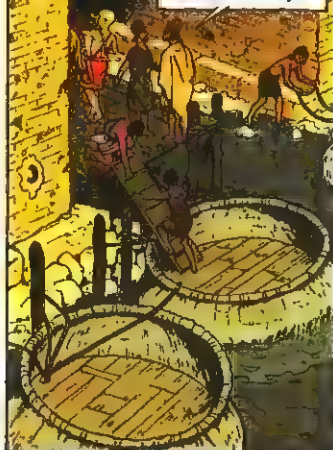
Compreendo a emoção de Alexandre quando descobriu esta cidade; pareceu-lhe difícil de tomar, mas teve a sorte de a ver render-se sem combate!...Então, transformou-a na sua capital.



E alguns instantes
mais tarde...

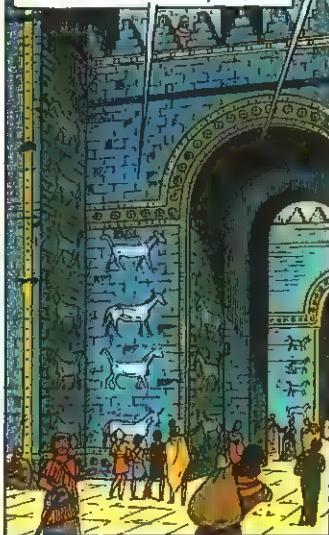
...Têm de deixar aqui as
vossas montadas porque
é proibido penetrar no in-
terior com os cavalos
sem autorização. Guarda-
-los custa uma moeda de
prata por animal e, por
cada período de lua.
Dar-vos-á uma tabua
de argila gravada.

Esta bem!



A famosa porta de Istar!
Era por ali que passava
a não menos célebre
procissão do deus
Marduk, na época áu-
rea da cidade.

É muito bela! Já não
está em muito bom es-
tado! Mas é necessário
que fiquemos aqui?



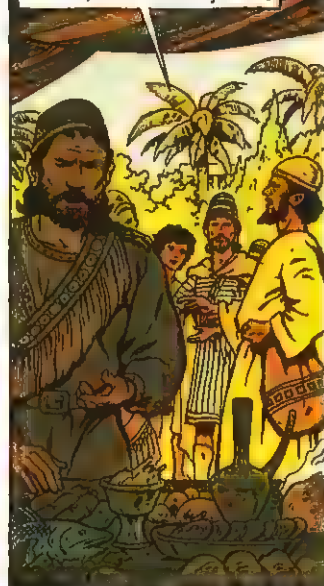
Indispensável. Oribal pro-
meteu-me que enviava
uma escolta para nos
conduzir a Zûr-Bakal; sem
ela o caminho seria mu-
ito perigoso. Devem es-
tar a fôssa espera
na hospedaria de Nîmrah.

Esta bem, va-
mos até lá!



Hum! Cheira bem! O fu-
mo está perfumado.
Que cozinham?

São aromas acres-
centados aos aesa-
dos que provocam es-
tes efúvios odoríferos.



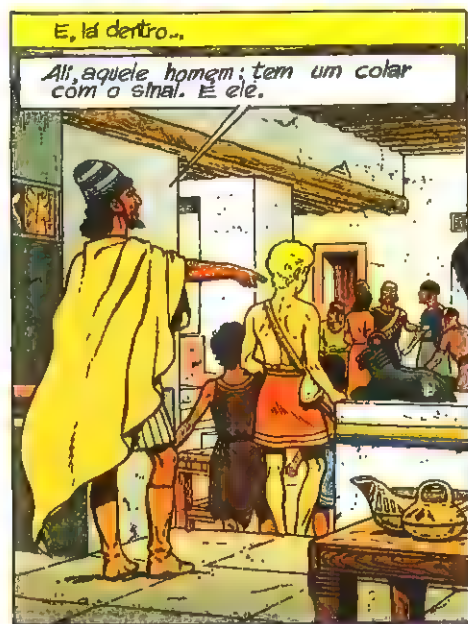
Vamos comer ali?

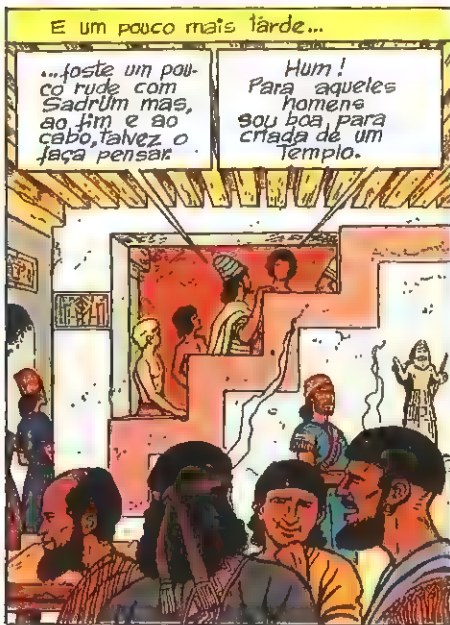
Por que não, afinal?



Eh, lá em cima! O homem de negro! Vi-o, estava
a espiar-nos, juro!

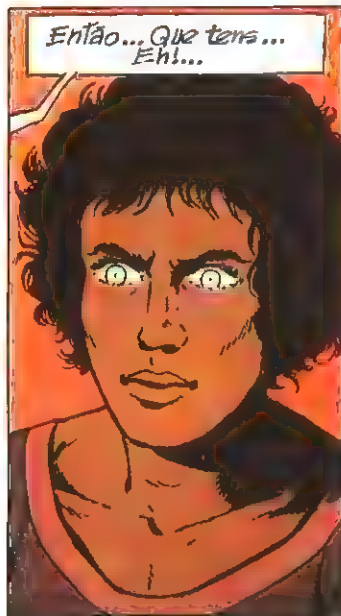








Ah! És tu que comandas o fogo!... Nem um pio... Levanta-te e seque-nos. O caminho é fácil...?



Então... Que tens... Eh!...



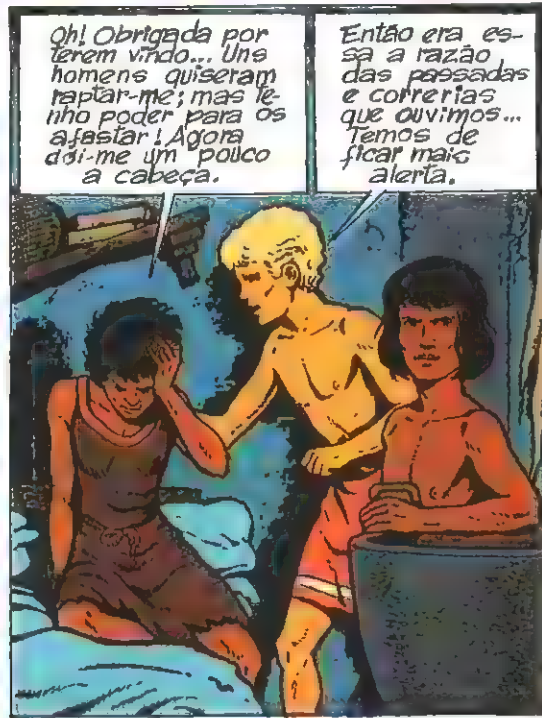
Fora, cães!... Já que o caminho é fácil; pois bem, vão... Despachem-se.



...E não voltem, ou sai-vos caro.



Marah!?... Que se passa?... Marah?...?



Oh! Obrigada por terem vindo... Uns homens quiseram raptar-me; mas liho poder para os afastar! Agora dá-me um pouco a cabeça.

Então era essa a razão das passadas e correrias que ouvimos... Temos de ficar mais alerta.



Entretanto, um pouco mais longe, os três assaltantes correm pela rua Marduk, em direcção ao templo de Etermenanki, onde se erguem as ruínas do célebre zigurate de Baal Ilon. (1)



Ei-los que voltam, sem a rapanga!... Caramba, será que o estalajadeiro nos quis pregar uma partida!?!?

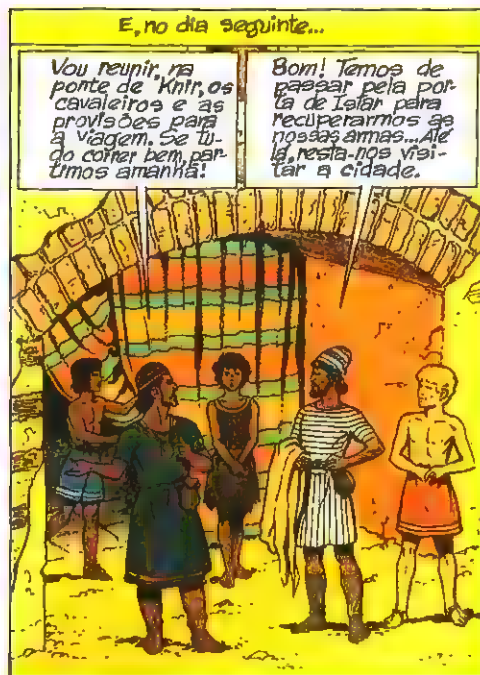
(1) Mais tarde, Baal-Elon, em seguida, Baal-El e Babel.



É possível!
Todavia, mesmo
se voltarmos com
as mãos a aba-
nar, não há pres-
sa. Estes homens
são uns imbecis.



Espero que aqueles de Züj-
-Bakal, que esperamos não
sejam tão estúpidos! Quando
é que chegarão?!... Ale lá,
como Alix e os seus compa-
nheiros estão prontos para par-
tir com a sua escolta, e preci-
so dele-los seja como for: ama-
nhã intervierei pessoalmente.



E, no dia seguinte...

Vou reunir, na
ponte de Knir, os
cavaleiros e as
provisões para
a viagem. Se tu-
go corer bem, par-
timos amanhã!

Bom! Temos de
passar pela por-
ta de Ialar para
recuperarmos as
nossas armas... Ale
lá, resta-nos vis-
itar a cidade.



Uma maneira de
passar o tempo!

Oh! Quem aquele bar-
co! É formidável.



Deve, ser a embarca-
ção de um nobre.



Ou de um rico mercador. Que luxo!



Eh! Jovem, sim, tu, o louro. Espera,
tenho um recado para ti.

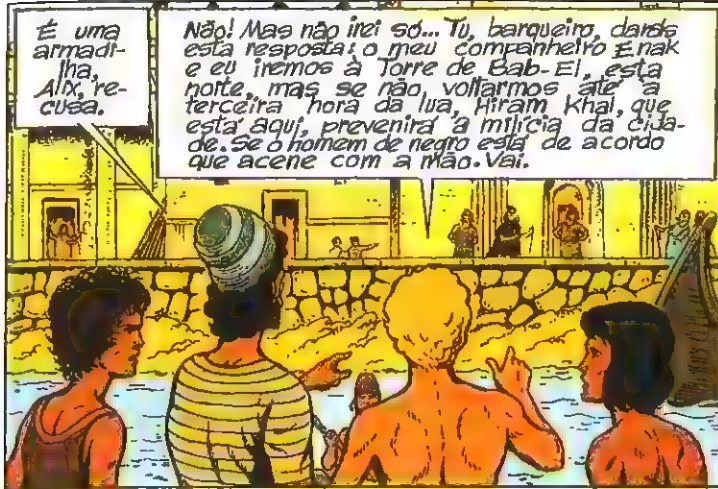
Mas, de quem?...



Daquele ali ao fun-
do, de negro,
na outra margem.



Espera-te, esta noite, no
alto de zigurate de
Baal-Ei. Insiste em que
venhas ao, porque sabe
que és corajoso... Tem
coisas muito importantes
a revelar-te.



É uma armadilha, Alix, recusa.

Não! Mas não irás só... Tu, barqueiro, dadas esta resposta: o meu companheiro Enak e eu iremos à Torre de Bab-El, esta noite, mas se não voltarmos até a terceira hora da lua, Hiram Khai, que está aqui, prevenirá a milícia da cidade. Se o homem de negro está de acordo que acene com a mão. Vai.



E pouco depois...

O assunto resolveu-se depressa...

Sim, e temos todas as hipóteses de podermos arrumar definitivamente esta operação.



A noite.

Como é alto!... Não pensava que esta torre fosse tão importante!

Na verdade!... Uma lenta afirmação que os homens que a construíam queriam tocar o céu e os deuses os puniram.



Quem sabe se nos não acontece o mesmo? Rece-me imprudente entrar-mos neste edifício sombrio.

Não sejas tão tenebroso; olha, uma luz, ali!... esperdm-nos; já não podemos recuar.



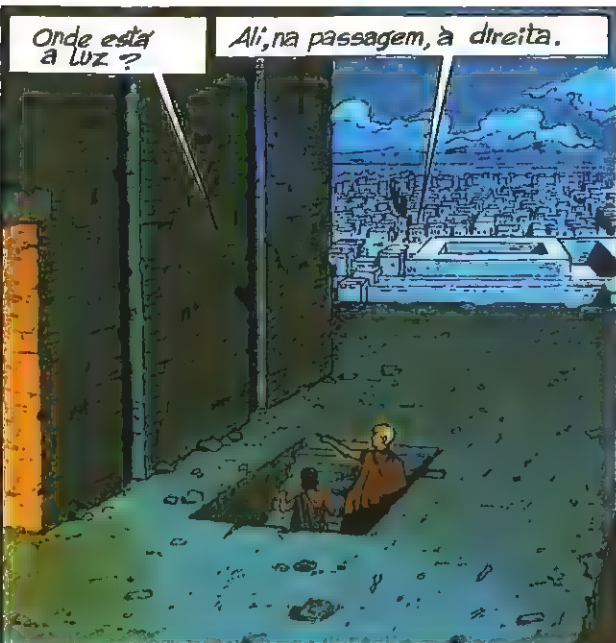
Mas, o clarão afasta-se!?!

Alguém quer mostrar-nos o caminho. Vem.



Alix, tenho um mau pressentimento. Vátemos, peço-te.

Não corremos perigo, garanto-te. Confia.



Onde está a luz?

Ali, na passagem, à direita.



Oh! Tenho vertigens!

Despacha-te! Vejamos, tu...



BOOOM

ENAK?...

Um... Um monte de tijolos quase me atingiu!

O templo é muito velho; um dia, cairá... Mas espero que, então, já tenhamos saído!

Entretanto, mais abaixo...

Aconteceu algo estranho, ouviste?

Sim, mas o clarão continua o seu caminho.

Que coragem! Merecem que os admiremos!

Chiu! Mais baixo, vem gente. Escondam-nos na reentrância.

...E os dois, seguem-no.

Uf!

De súbito...

AAAAHHH!

Que se passa?... Foi lá em baixo. Ah, eu...

Cala-te, por favor!... Chegamos. O archote parou atrás desta porta. Vamos.

Dá-me a mão, isso vai animar-nos.

Sim, talvez!...

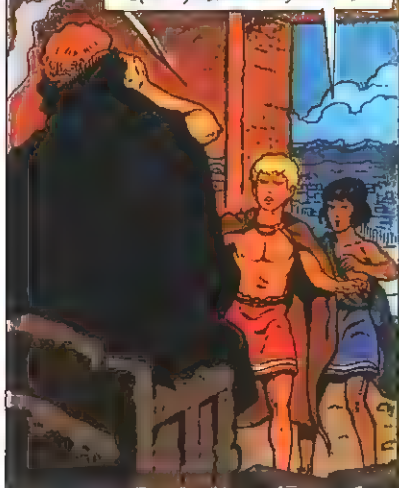
Entrem, entrem!... Espanta-vos, não é?... Agora compreendem por que era necessário fazê-los vir aqui.

?

!

ARBACÉS!?!

Mas, ele morreu!...
Que fazemos, Alix?



NÃO!...

Pareço-me com
ele e compreendo
a vossa emoção.
Na verdade, sou
ADROCLES, seu ir-
mão. Quando che-
guei a Zlir-Bakal
tive de deixar a
barba mas cortei-
a hoje porque achei
melhor apresen-
tar-me de cara
descoberta (1)

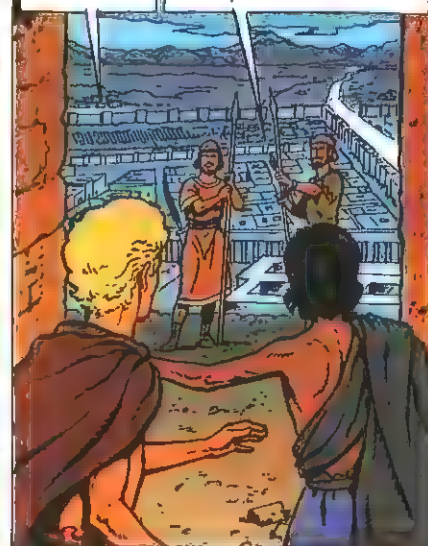


Eh!... Fiquem aqui:
a fuga seria
perigosa. Voltem-
-se e confirmem-
-no

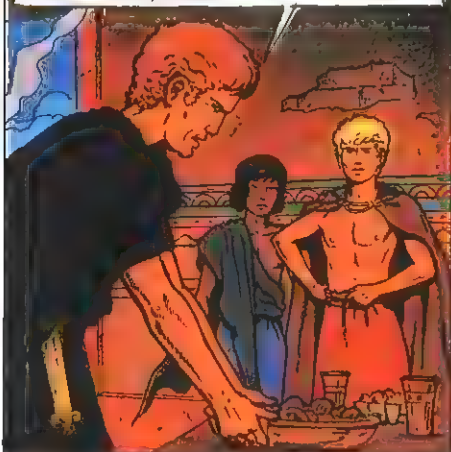


Estamos
cercados.

Então, tentemos
invadir nos o melhor
possível...



Venham e não tenham. Vejam,
mandei vir bebidas e manja-
res porque julgo ser conve-
niente conversarmos à roda de
uma mesa... e a noite deverá
ser comprida!...

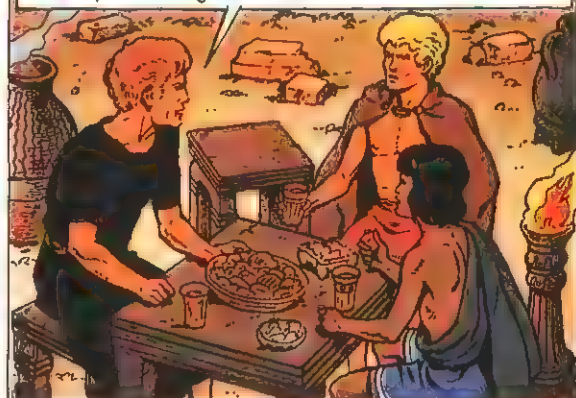


Vigíaste-nos e se-
guirte-nos pacientemen-
te para, por fim, nos apa-
nhares aqui. Boa Jogada.

Tudo isto, para te
vingares do desapa-
recimento do teu irmão?



Claro que não. Arbacés insistiu para que
fosse ter com ele a Zlir-Bakal e hesitei
durante muito tempo. Cansado da guerra,
decidi-me a fazê-lo e, mal cheguei à ci-
dade, verifiquei como ele fora autoritário
e cruel. Pouco depois, morreu e tive de
me esconder. Foi então que me liguei com
algumas famílias de zona baixa; gente corajo-
sa que me ajudou muito.



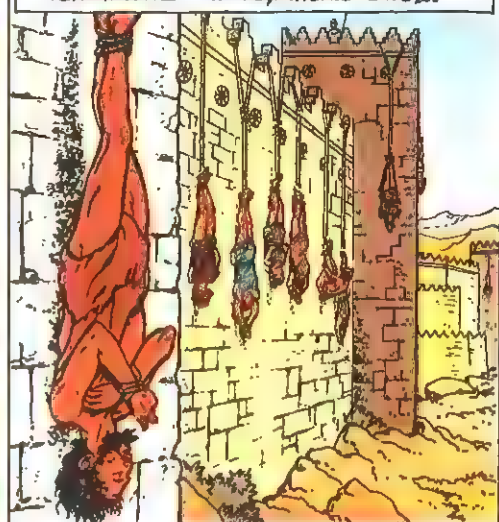
O exército procurava todos os que
tinham colaborado com o governo de
meu irmão e tive de viver na clan-
destinidade durante muitos meses.
Como devem saber, o reinado do
jovem monarca, em breve se trans-
formou numa oligarquia sanguinária
e os amigos que me abriga-
vam sofreram muito. Foi então que,
ao ajudá-los, fui levado a inte-
ressar-me pela revolta e a tor-
nar-me um dos chefes.



A situação agravou-se
bruscamente quando al-
gum general descobriu
uma conspiração para der-
rubar Oribal. A reacção
do exército foi implacá-
vel e o sangue jorrou até
aos degraus do trono.

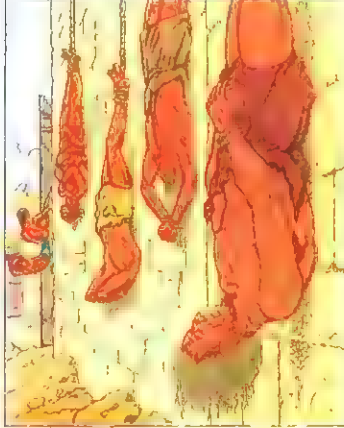


Mas houve pior! Alguns oficiais,
inspirando-se talvez nos seus
antepassados saárrios, utilizaram
suplícios especialmente odiosos:
todos os suspeitos foram depen-
durados pelos pés nas muralhas
da cidade. Os infelizes morreram
lentamente num sofrimento atroz.

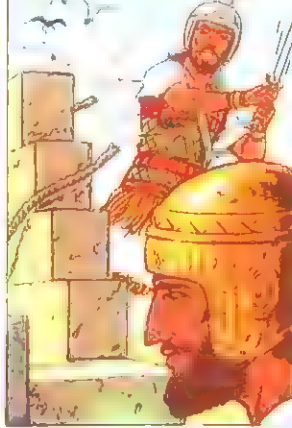


(1) Ver "A Tiara de Oribal"

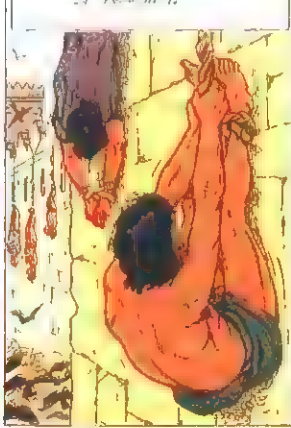
...e a cada vez mais
no solo da corte dos
basiladores. Na venda
de, estava se apr
sionado no seu palácio.



...e a cada vez mais
no solo da corte dos
basiladores. Na venda
de, estava se apr
sionado no seu palácio.



...e a cada vez mais
no solo da corte dos
basiladores. Na venda
de, estava se apr
sionado no seu palácio.



Quanto a Oribal, lechou-
se a cada vez mais
no solo da corte dos
basiladores. Na venda
de, estava se apr
sionado no seu palácio.



O exército letinha o poder e, para evitar surpresas,
montou balistas e catapultas na barragem e nas
partes altas, em frente à cidade.

...e a cada vez mais
no solo da corte dos
basiladores. Na venda
de, estava se apr
sionado no seu palácio.

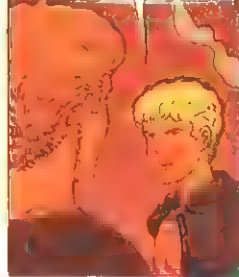


Não queríamos
que isso acontecesse...
...e a cada vez mais
no solo da corte dos
basiladores. Na venda
de, estava se apr
sionado no seu palácio.



Aceitar o que
deceitava a meu
fim, não desejo
melhorar a mim,
mas a gente de
que se por neces-
sário, não hesita-
rei... pega naque-
le archote.

O que me
contatei.
Adrocles, ex-
to reflexão.
Porque a dois
dias, comu-
nicar-se a
junção
le não.



E pouco depois...

Vê,
já
rompe
a alvor.

Sim, mas tenho pres-
sa de encontrar os
meus companheiros...
Se ainda lá estiverem!...

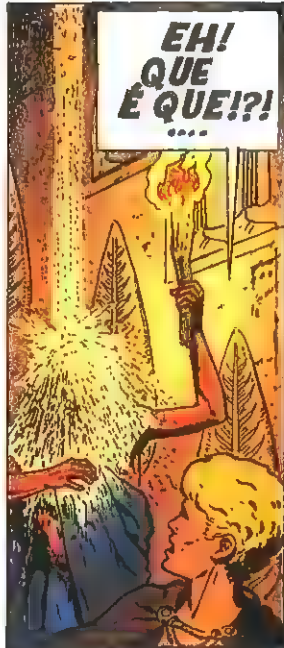


Os gritos que ouvimos quando chegamos ao topo, eram talvez de Marah e Hiram-khai?

É possível! Aquela jovem é muito capaz de se defender. Entretanto, é melhor despatcharmos-nos.



**EH!
QUE
É QUE!?!
....**



O tecto está a cair! Este monte de tijolos é perigoso: um dia vai cair de uma vez só e apenas restará um monte de pó. Vamos.



Chegados à base...

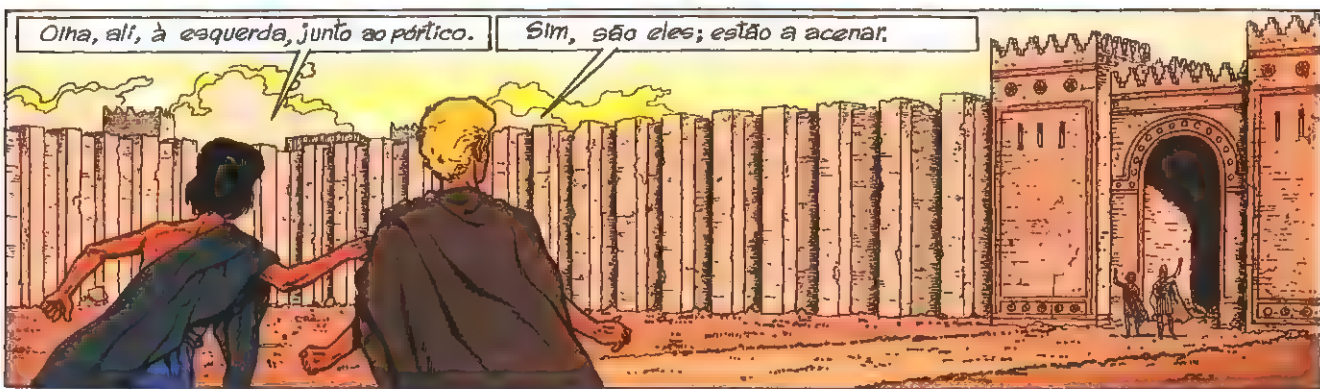
Que noite! Quero afastar-me desta ruma.

Tens razão mas creio que teremos de aqui voltar em breve.



Oiha, ali, à esquerda, junto ao pórtico.

Sim, são eles; estão a acenar.



Ah! Estou contente por vos en-
contrar.

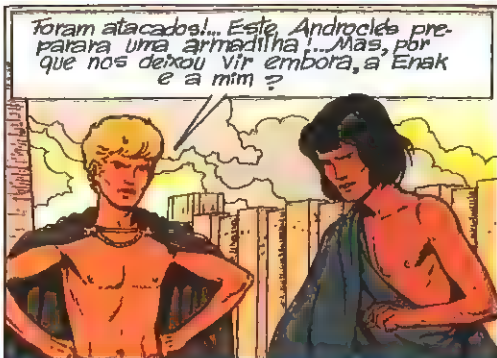
Tivemos alguns problemas, mas Marah resolveu-os, com rapidez: conhecem os seus talentos!



Vejam como deixou os nossos agressores: ainda vão dormir um bom bocado.

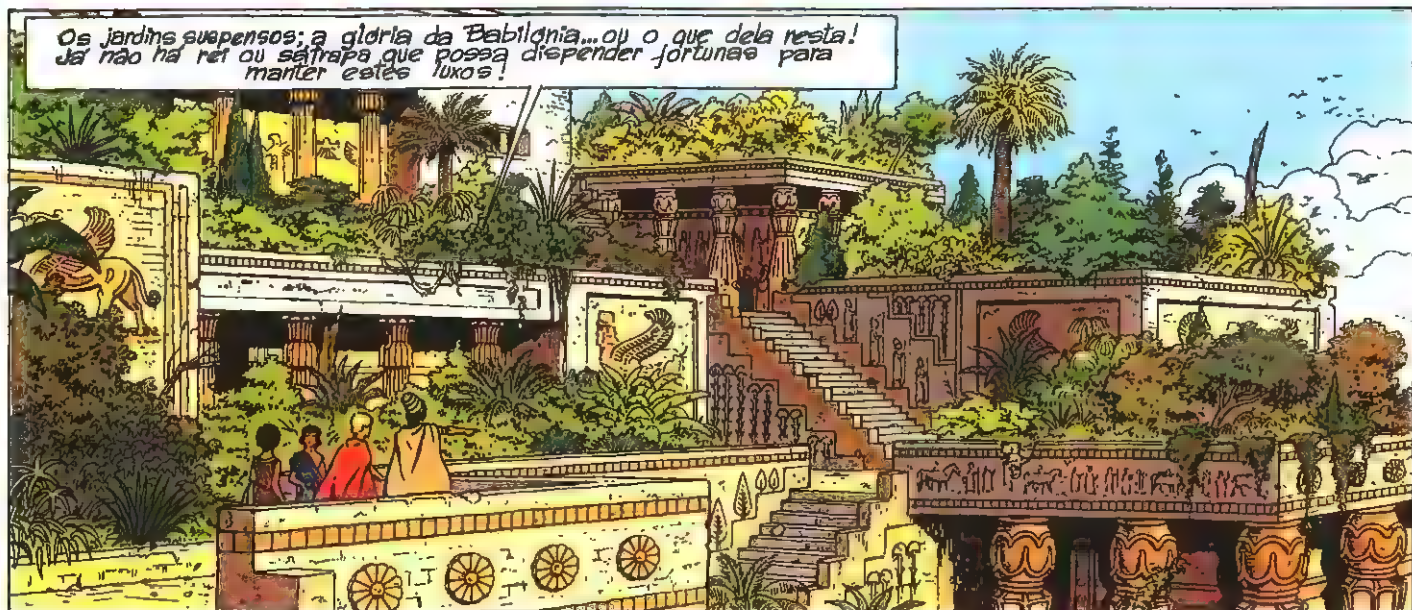
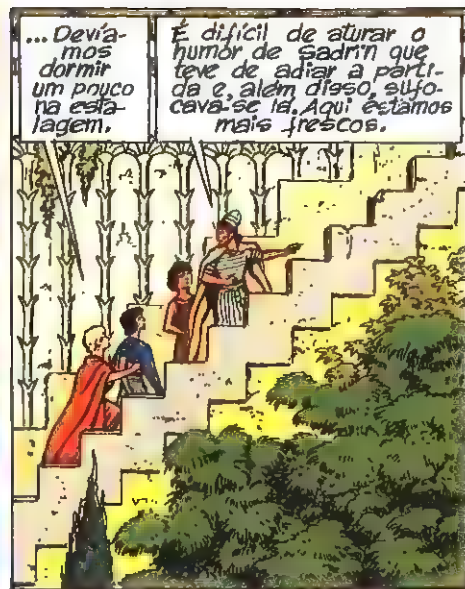
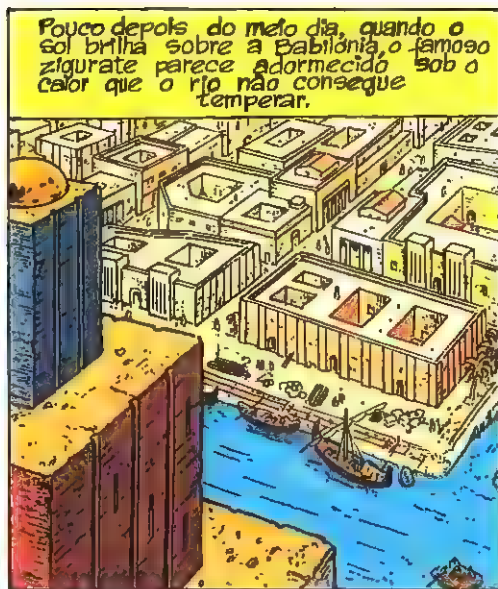


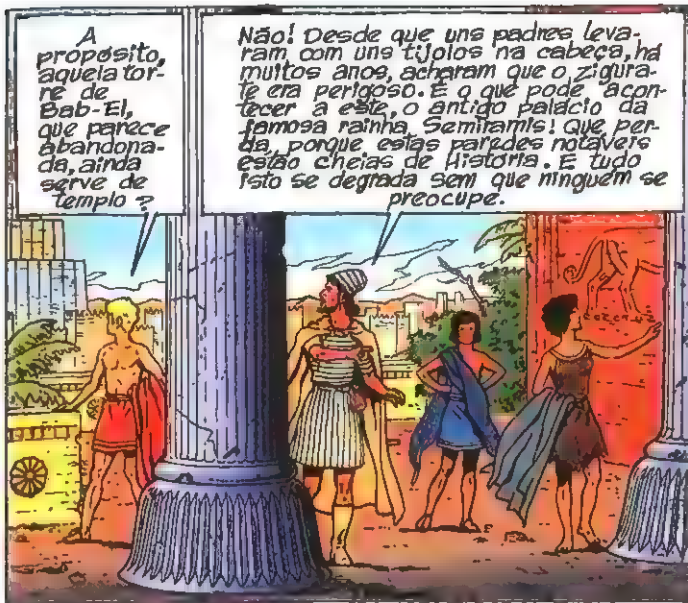
Foram atacados!... Este Androcles preparara uma armadilha!... Mas, por que nos deixou vir embora, a Enak e a mim?



Está a observar-nos, lá em cima. Fois bem, agora sabe que uma parte do seu estratagema não resultou.

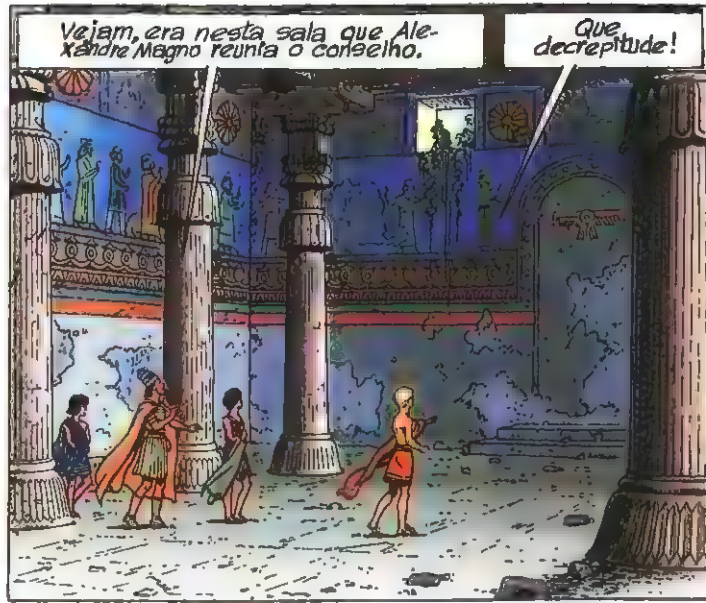






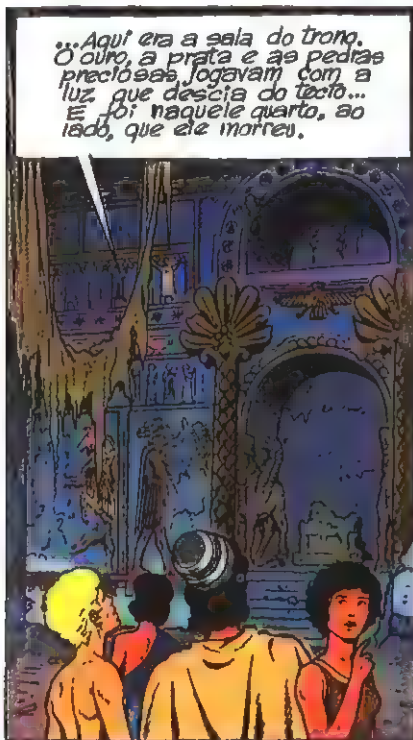
A propósito, aquela torre de Bab-El, que parece abandonada, ainda serve de templo?

Não! Desde que uns padres levaram com uns tijolos na cabeça, há muitos anos, acharam que o zigurate era perigoso. É o que pode acontecer a este, o antigo palácio da famosa rainha Semiramis! Que perda, porque estas paredes notáveis estão cheias de história. E tudo isto se degrada sem que ninguém se preocupe.

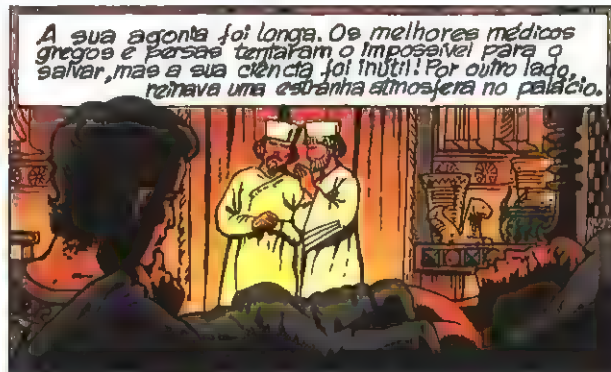


Vejam, era nesta sala que Alexandre Magno reunia o conselho.

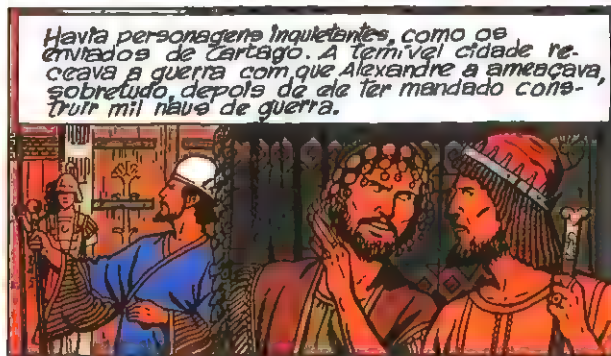
Que decrepitude!



...Aqui era a sala do trono. O ouro, a prata e as pedras preciosas jogavam com a luz que descia do tecto... E foi naquele quarto, ao lado, que ele morreu.



A sua agonia foi longa. Os melhores médicos gregos e persas tentaram o impossível para o salvar, mas a sua ciência foi inútil! Por outro lado, reinava uma estranha atmosfera no palácio.



Havia personagens inquietantes, como os enviados de Cartago. A terrível cidade recitava a guerra com que Alexandre a ameaçava, sobretudo, depois de ele ter mandado construir mil navios de guerra.



Ah! Então pensas que os cartagineses o assassinaram?

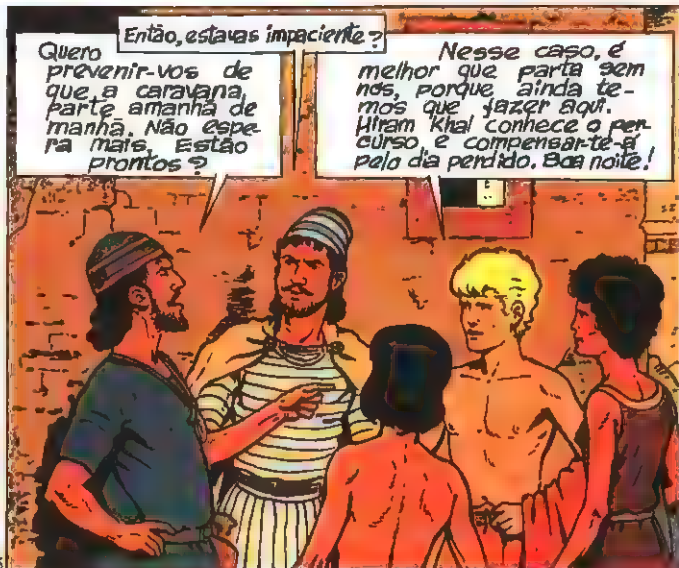
Eram mestres na utilização de venenos, mas nunca se pôde provar. No entanto, é inevitável que a morte do conquistador poupou Cartago que, com isso, ganhou mais dois séculos.



No final da tarde...

Olha, Sadrlin, espera-nos, ali, à porta da estalagem! Não parece de bom humor!

Pff! É o habitual.



Quero prevenir-vos de que a caravana parte amanhã de manhã. Não esperam mais. Estão prontos?

Nesse caso, é melhor que parta sem nós, porque ainda temos que fazer aqui. Utram Khal conhece o percurso e compensar-te-á pelo dia perdido. Boa noite!

Foste um pouco brusco com aquele homem!

Talvez, mas a sua manha era-me insupportável... Pensando bem, é melhor irmos sozinho.

Tens razão, Alix... e como prometestes a Adrocles, ter com ele amanhã à noite, nada podemos fazer.

Felizmente, ainda há templos para ver.

Com efeito, no dia seguinte, os três jovens e Hiram, Khal, terminam a visita à Babilónia.

O templo de Ninmakh. Era célebre pela sua cisterna em cerâmica multicolor. Infelizmente, pouco resta.

Sim. Mais uma maravilha do passado perdida para sempre.

Quando a tarde cai...

Vamos comer ali, nos souks.

Hum! De acordo, vai ser divertido.

De noite...

Olha, puseram um archote junto à entrada.

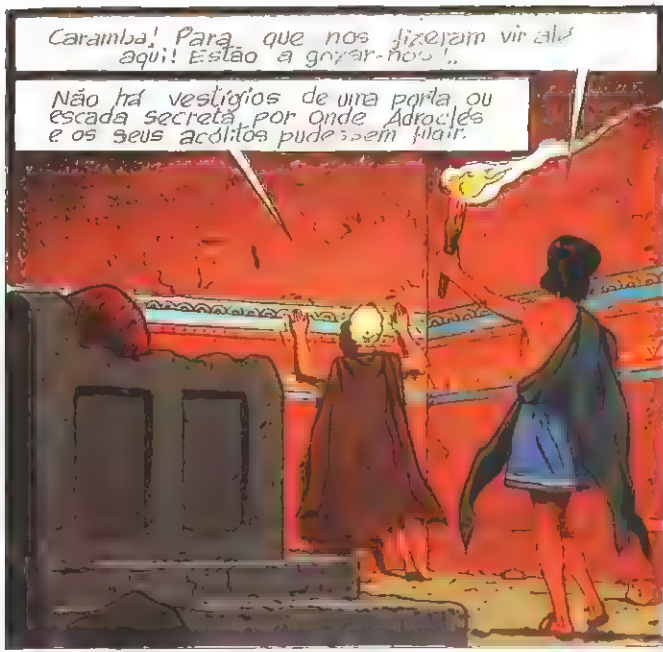
Deve ser para nós, peguemo-lo.

Desta vez não nos guiam neste dedalo.

Sim. Acho isso um pouco inquietante.

NINGUÉM!?

Que quer isto dizer?



Caramba! Para que nos fizeram vir até aqui! Estão a girar-nos...

Não há vestígios de uma porta, ou escada secreta por onde Adrocles e os seus acólitos puderam fugir.



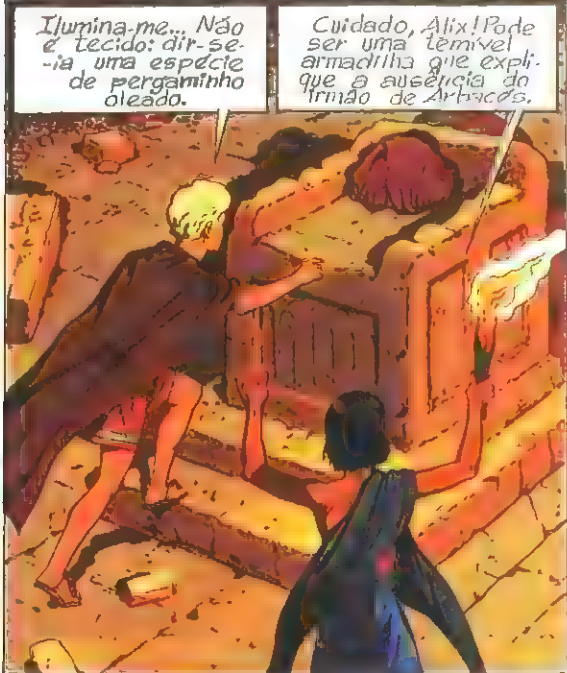
de... há... há... há...

Acho que encontraram o embulho.



...caramba!...

...muito... muito... muito...



Ilumina-me... Não é tecido: dir-se-ia uma espécie de pergaminho oleado.

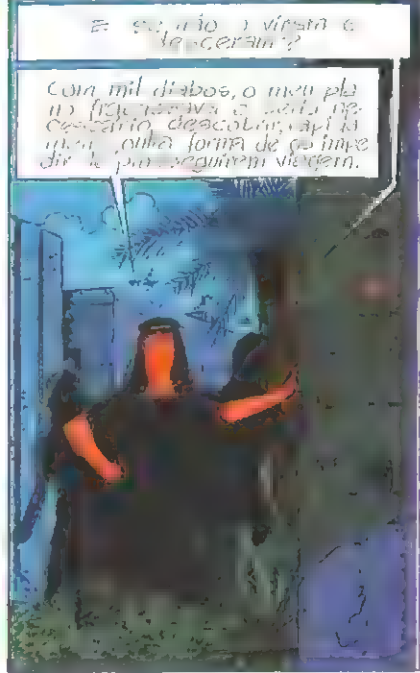
Cuidado, Alix! Pode ser uma temível armadilha que expli- que a ausência do irmão de Artaxos.



Entrejuntos do outro lado do Embulho, junto ao canal do Bairro de Arad.

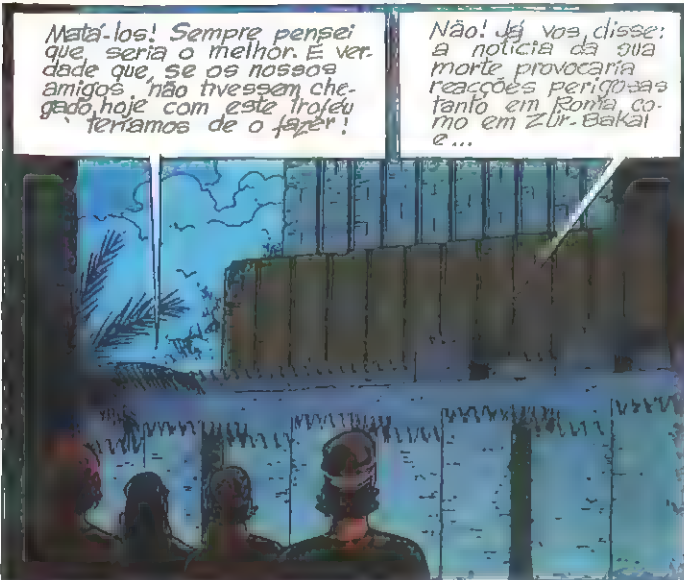
Não sabem? Acho que encontraram o embulho.

Talvez, porque deveriam ter usado fogo. Ora, de momento, nada se move.



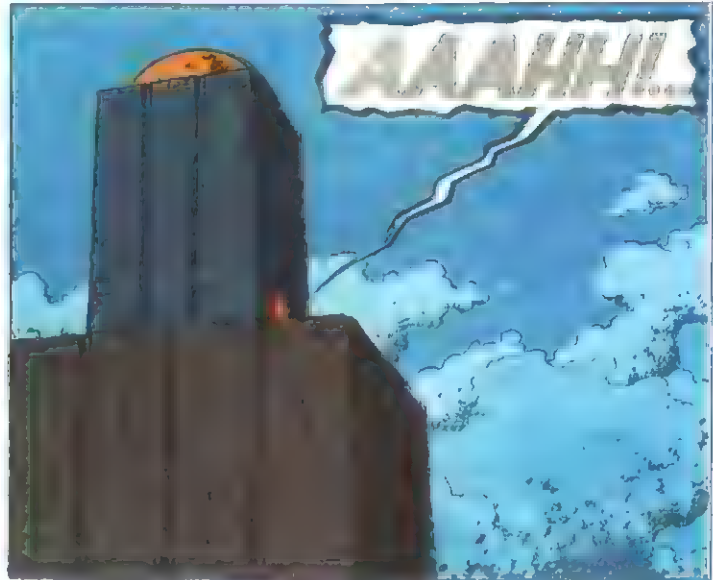
E se não a viram e se ceram?

Com mil diabos, o meu plano ficava wa... não se preocupem, descolaram a pedra, numa forma de se fazer de... para segurar a pedra.



Mata-os! Sempre pensei que seria o melhor. E ver- dade que, se os nossos amigos não tivessem chegado hoje com este troféu teríamos de o fazer!

Não! Já vos disse: a notícia da sua morte provocaria reacções perigosas tanto em Roma co- mo em Zur-Bakal e...



AAAAHHH!



A cabeça de Oribai!

Que horror!



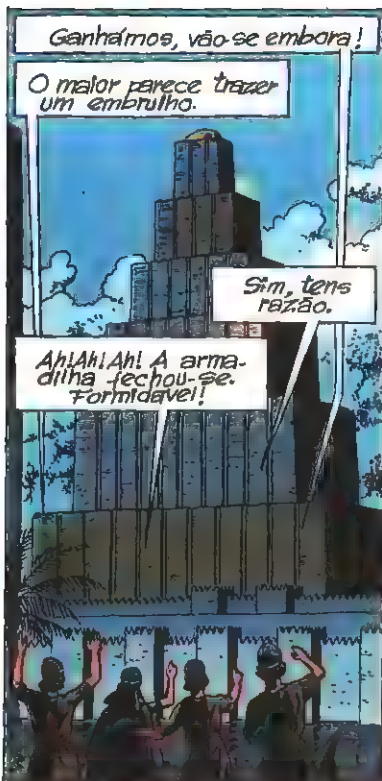
Éis por que Adroclés e os seus queriam demorar-nos! Esperavam receber esta coisa horrível... e embalsamaram-na para a viagem!

Fossem quais fossem os actos deste infeliz, esta vingança é execrável. Temos de encontrar o irmão de Arbaces.



Mesmo assim, ganhou, porque já não temos motivo para ir a Zûr-Bakal.

Talvez, mas antes temos de enterrar dignamente esta cabeça: além do mais, é um dever. Ilumina-me, vou levá-la.



Ganhamos, vão-se embora!

O maior parece trazer um embrulho.

Sim, tens razão.

Ah! Ah! Ah! A armadilha fechou-se. Formidável!



E, pouco depois...

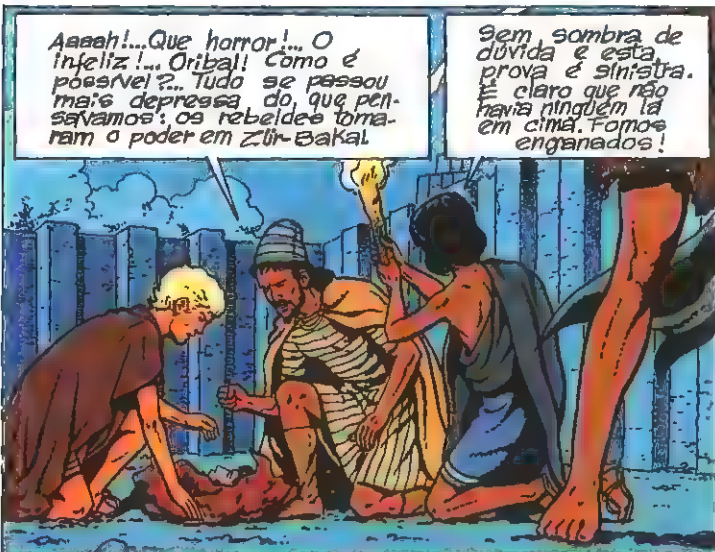
Ei-los! Alix traz um objecto nos braços, como se fosse algo precioso.



Então?... Que estás a fazer?



Aproxima o teu archote, Enak... Vejam, é horrível: a cabeça de Oribai.



Aaaah!... Que horror!... O infeliz!... Oribai! Como é possível?... Tudo se passou mais depressa do que pensávamos: os rebeldes tomaram o poder em Zûr-Bakal.

Sem sombra de dúvida e esta prova é sinistra. É claro que não havia ninguém lá em cima. Fomos enganados!



Que fazemos? A esta hora o cão de Adroclés já deve estar longe.

Não! Está perto! Vejo-o. Sim... está a rir, ali, junto ao rio.



Marah! É perigoso e vais...

Não, deixa, é muito importante. É preciso que ela fale mais.



O homem de negro vai partir... esta noite... diz que há outra Torre de Bab-El... mais longe, ao sul... esta em ruínas... Vai dormir lá... Agora ri, porque Alix já não vai a Zil-Bakal.



E, no dia seguinte, quando surge a alva...

Julguei que não conseguiríamos recuperar armas e cavalos.

Claro, era muito cedo!...

nesta direcção...



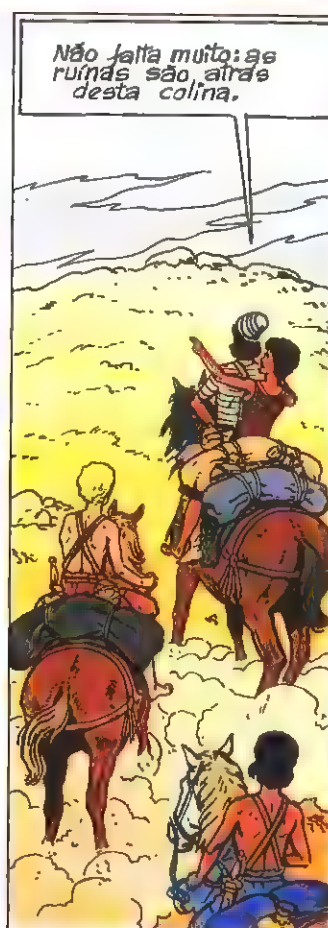
Entramos no deserto e, vejam, já não existe ninguém.

Confiamos em Marah!

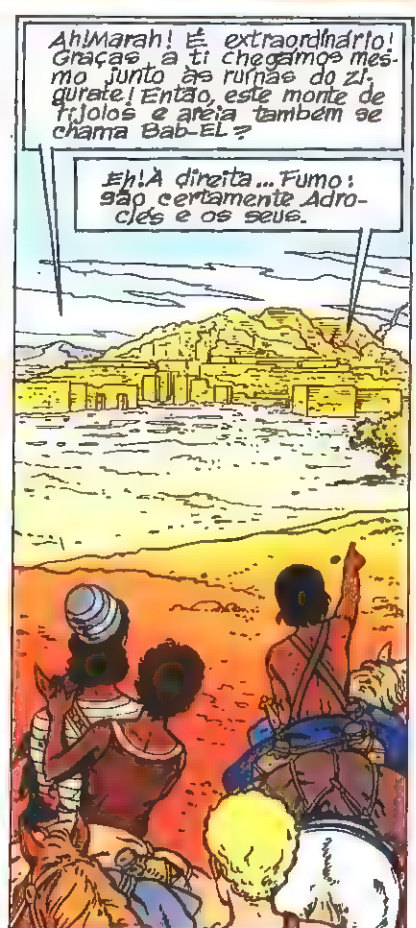


De súbito, apesar de o sol estar baixo, o calor sobe bruscamente...

Os cavalos estão a sofrer! Temos de parar antes do que prevíamos ou bordejar o rio.

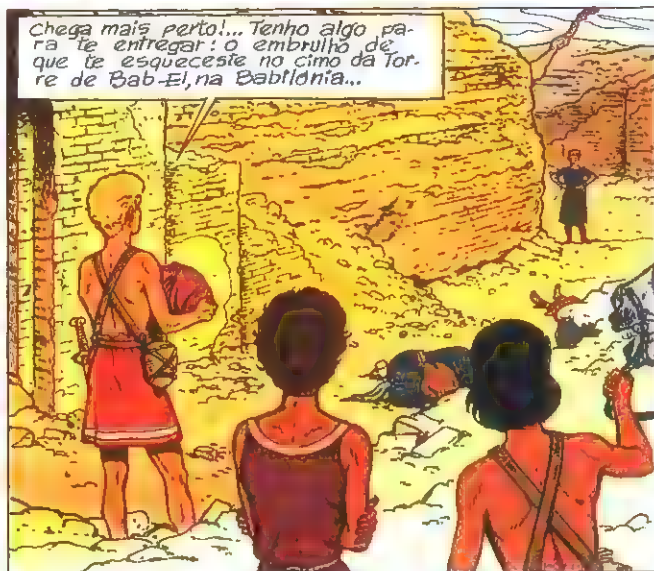
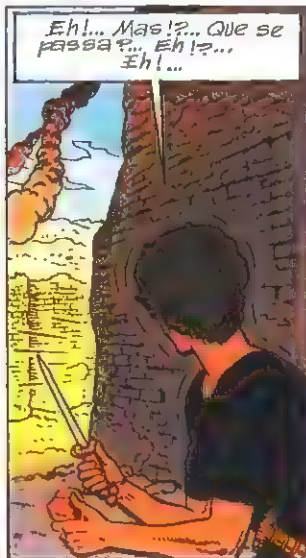


Não falta muito: as ruínas são, aliás, desta colina.



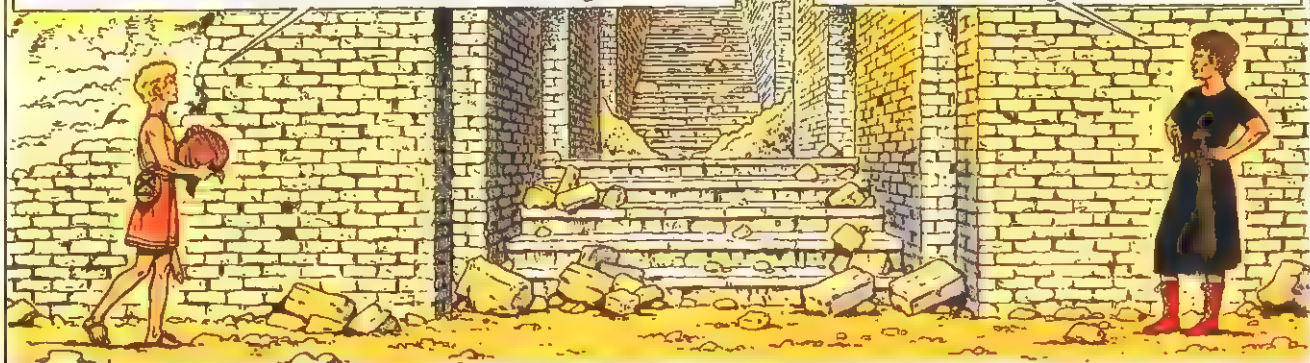
Ah Marah! É extraordinário! Graças a ti chegámos mesmo junto às ruínas do Zilgurate! Então, este monte de riçolos e areia também se chama Bab-El?

Eh! À direita... Fumo: são certamente Adrocles e os seus.

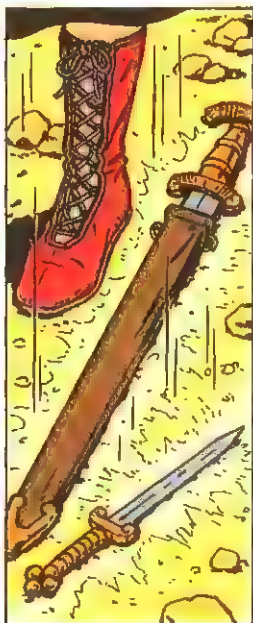


Disseram-me que esta Torre também, se chama Had-El e, por isso, parece-me bem, que enterras esta cabeça não dmo das ruínas. Merece esta derradeira homenagem.

Mas faz-lo tu, porque quem quer vai, quem não quer manda, e, ao fim e ao cabo, era teu amigo!



Precisamente, é a última prova de amizade que lhe posso dar. No outro mundo, onde ajudaste a precipita-lo, irá gostar certamente de ver que é o seu carrasco que enterra, a cabeça... Fara tal, vais deixar aqui as tuas armas, porque escavadas com as mãos.



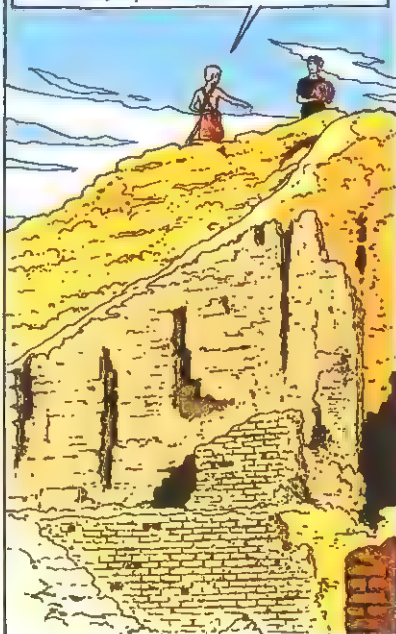
E se os meus companheiros acordam?... Vocês ficam em desvantagem! Já pensaste?

Não há perigo, por agora. Agarra nisto e marcha.

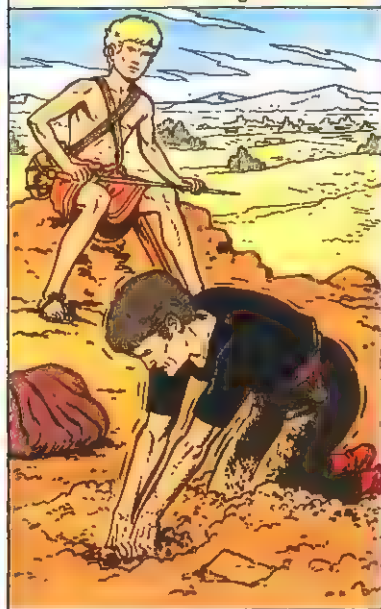


E pouco depois...

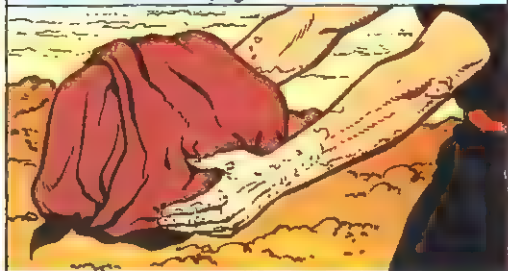
Para, aqui... cava...



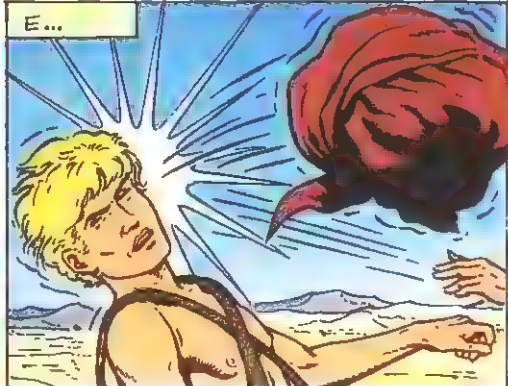
E, durante um período que parece longo, Adrocles arranha um solo muito rijo e acaba a escavação com os dedos em sangue.

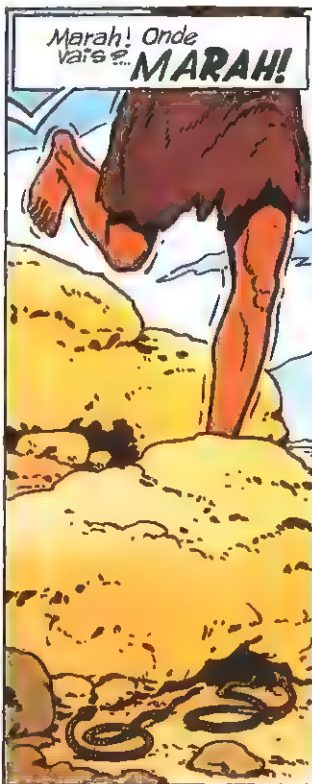
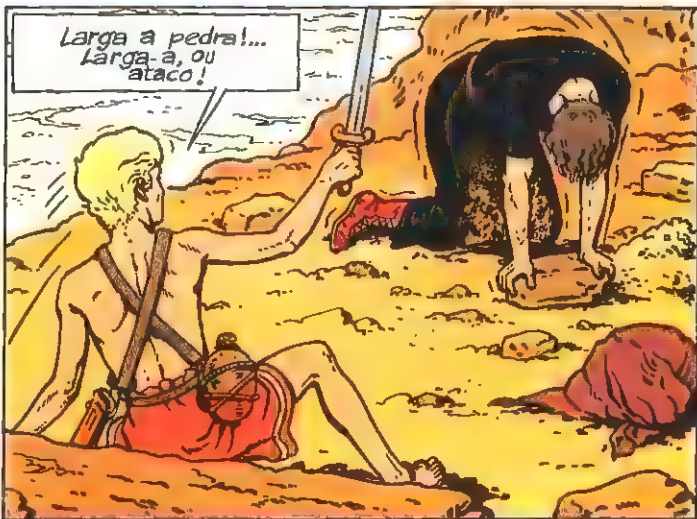


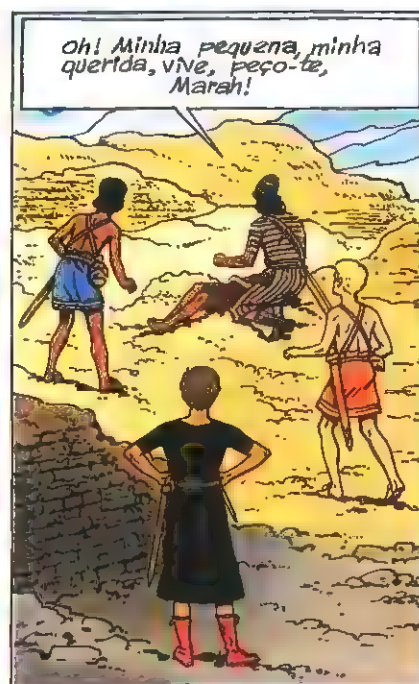
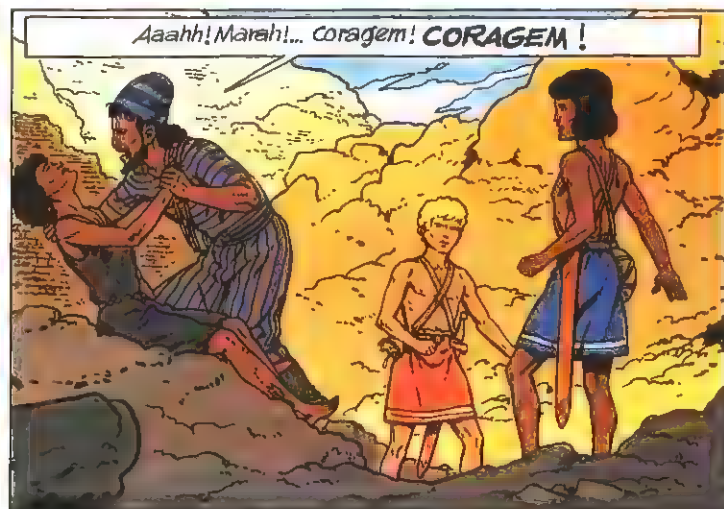
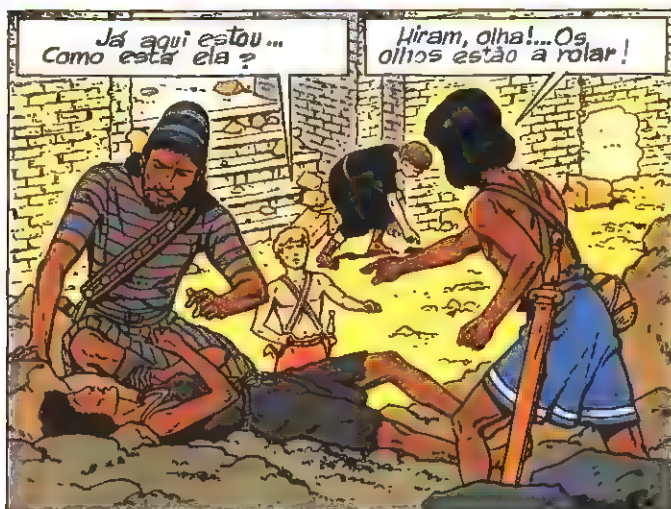
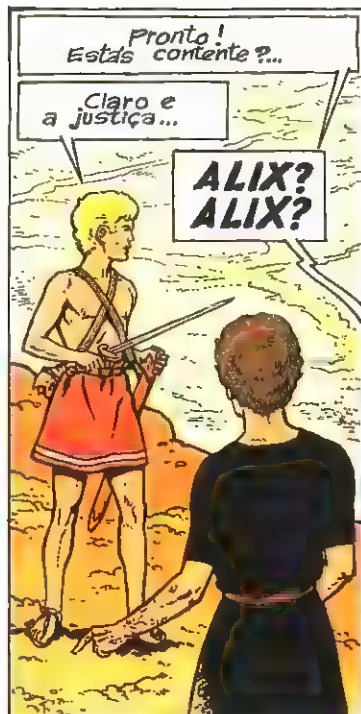
Finalmente, agarra o embrulho.

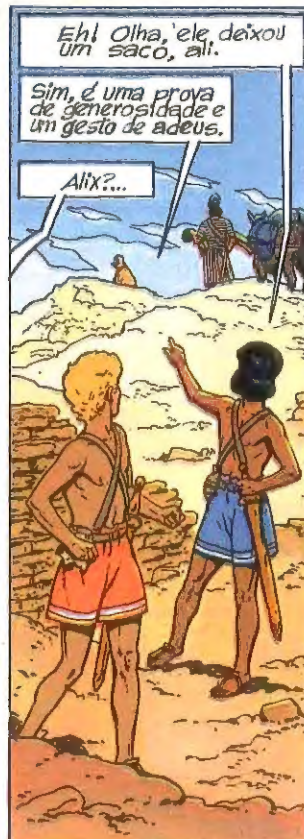
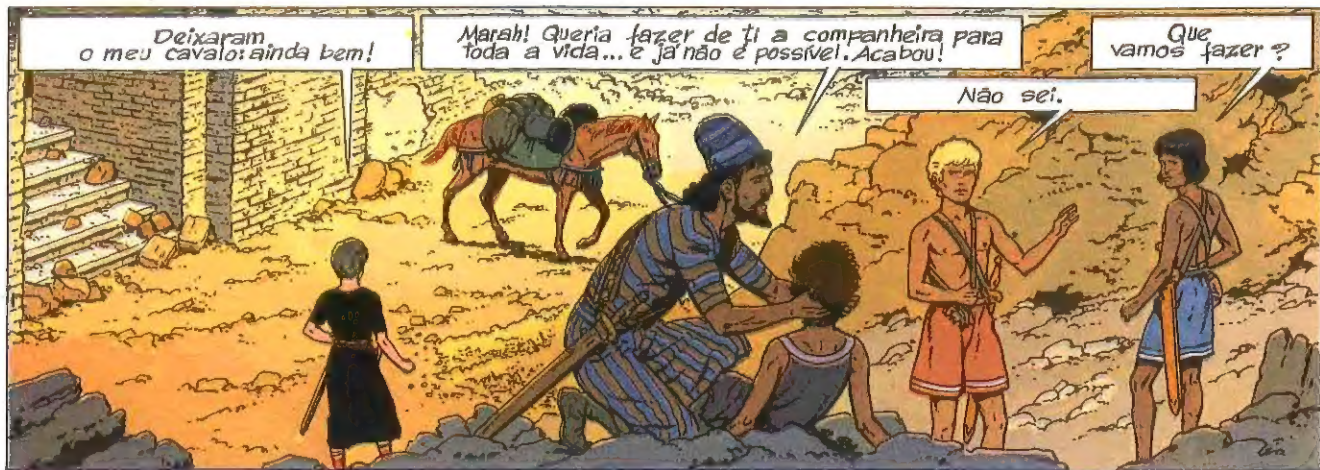


E...









NÃO! É impossível! Como podes que cumprimente quem provocou o assassinio do meu amigo Oribal? Apesar de tudo o que fez, este crime revolta-me. **NUNCA!** ...És bem irmão de Arbacés!

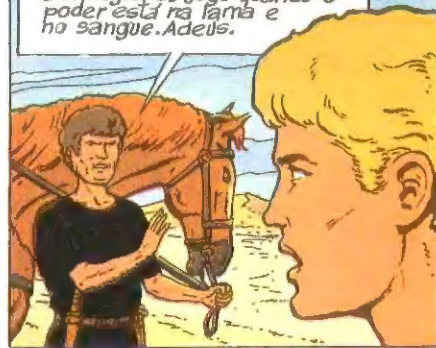


Como quiseres...mas não me arrependo. Mesmo que os seus generais fossem cruéis e que Oribal apenas fosse um tanto-ché, era ele, o rei, a cabeça. Era preciso cortar-lha.

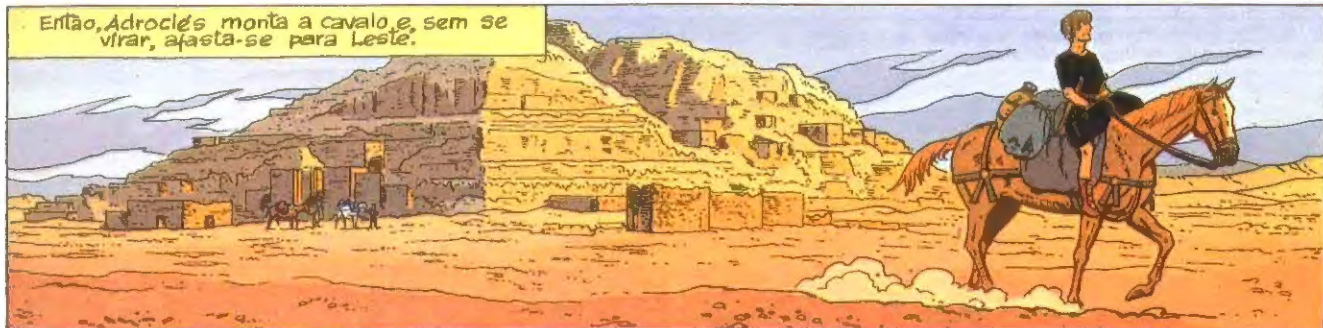


Mas, que julgas? Como não pensaste que outro despota ainda mais sanguinário surgirá do caos para onde empurraste Zúr-Bakal? Quem sabe se esse novo despota não te espera, a rir, pronto para te sacrificar à sua nova revolta.

Talvez. Mas talvez o mate antes: é a regra do jogo quando o poder está na lama e no sangue. Adeiis.

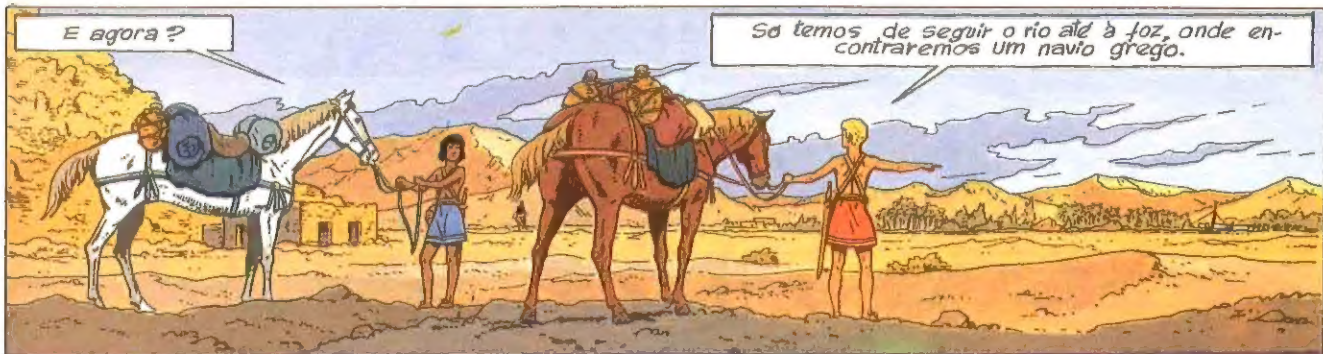


Então, Adroclés monta a cavalo e, sem se virar, afasta-se para Leste.



E agora?

Só temos de seguir o rio até à foz, onde encontraremos um navio grego.



Alix, tens a certeza de que aqui há barcos gregos? Não vamos ser capturados e vendidos como escravos?

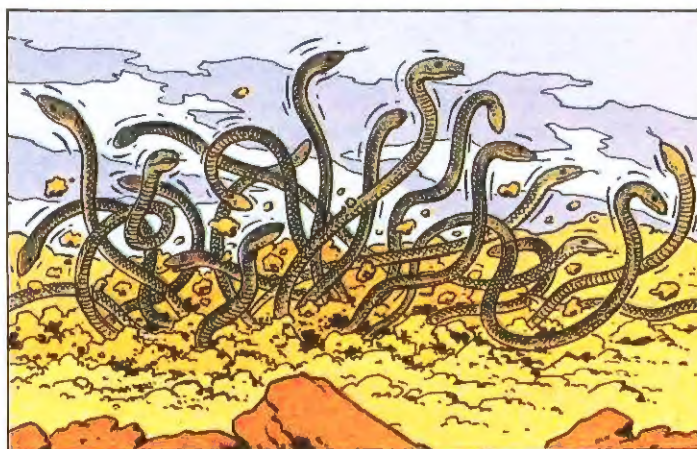
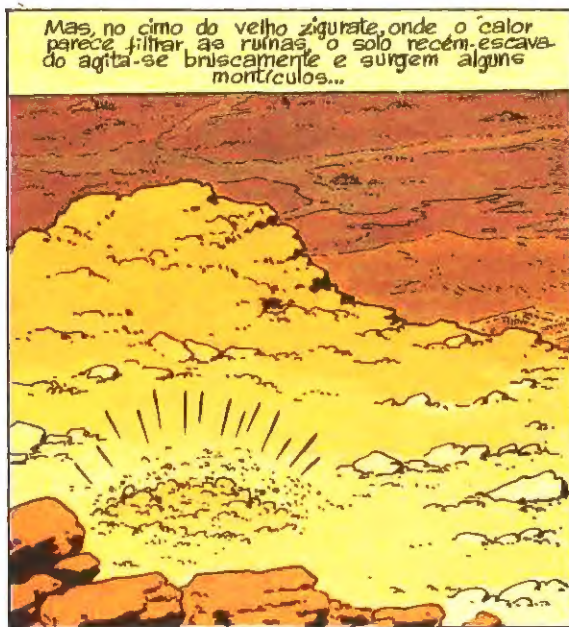
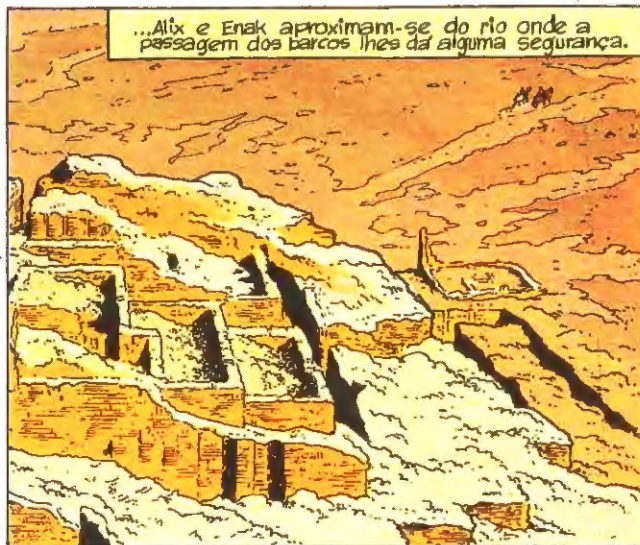
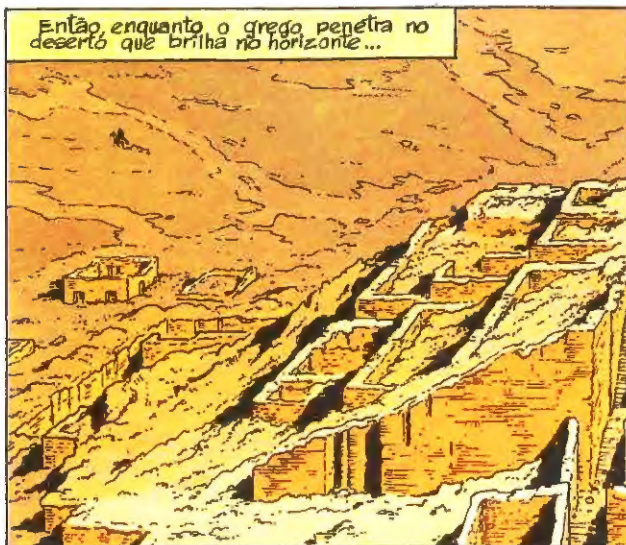
Vamos ter de estar alerta.



Eu preferia um navio romano. Um que viesse, por exemplo, da Ostia... Mas, que fazes?

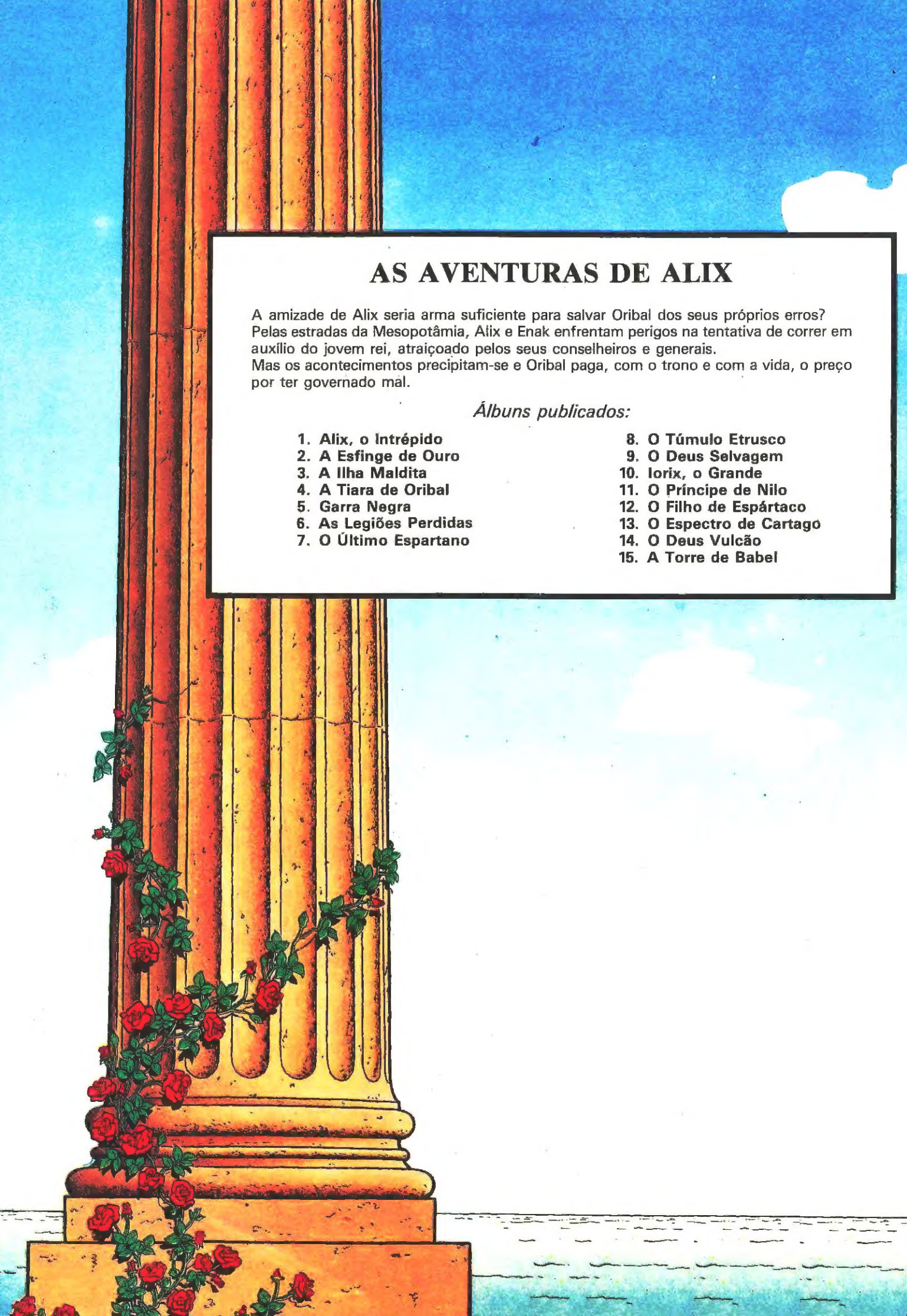
ADROCLÉS!... ADROCLÉS!... ESPERA!...





De súbito, surge um feixe de serpentes que se enrolam e agitam com assobios agudos. Então, no cimo das ruínas, gigantesco, começa um bailado frenético e monstruoso que adtem por espectadores o céu, o sol e o pó.

FIM



AS AVENTURAS DE ALIX

A amizade de Alix seria arma suficiente para salvar Oribal dos seus próprios erros? Pelas estradas da Mesopotâmia, Alix e Enak enfrentam perigos na tentativa de correr em auxílio do jovem rei, atraído pelos seus conselheiros e generais. Mas os acontecimentos precipitam-se e Oribal paga, com o trono e com a vida, o preço por ter governado mal.

Álbuns publicados:

- | | |
|------------------------|---------------------------|
| 1. Alix, o Intrépido | 8. O Túmulo Etrusco |
| 2. A Esfinge de Ouro | 9. O Deus Selvagem |
| 3. A Ilha Maldita | 10. Iorix, o Grande |
| 4. A Tiara de Oribal | 11. O Príncipe de Nilo |
| 5. Garra Negra | 12. O Filho de Espártaco |
| 6. As Legiões Perdidas | 13. O Espectro de Cartago |
| 7. O Último Espartano | 14. O Deus Vulcão |
| | 15. A Torre de Babel |